



Brasil e URSS: Feliz Ano Novo

Por motivo da passagem do Ano Novo, Nikita Kruschov e Klement Vorochilov, em nome do Governo da União Soviética, enviaram uma mensagem de congratulações ao Governo brasileiro, augurando «o desenvolvimento das relações entre as nossas nações pelo caminho da amizade e da colaboração na grande causa da luta pela Paz».

Respondendo à mensagem dos dirigentes da URSS, o presidente Juscelino Kubitschek enviou-lhes um telegrama, manifestando o desejo de que se intensifique o intercâmbio entre o Brasil e a URSS e de que «possam os povos contemporâneos viver sob a égide da concórdia e da paz».

São as seguintes as mensagens trocadas:

Kruschiov Kubitschek

«Por motivo do Ano Novo permita-nos, senhor-Presidente, cumprimentar-lhe pessoalmente e em nome dos povos da União Soviética transmitir ao povo do Brasil cordiais cumprimentos e melhores votos. O ano que termina tem mostrado que graças aos esforços comuns de todas as nações pacíficas tem-se experimentado alívio da situação internacional, as relações entre as nações têm melhorado e a «guerra fria» tem começado a dege- lar-se. Esperamos que a aproximação nas relações comerciais possa servir como um bom conetço para o desenvolvimento em geral das relações entre nossas nações pelo caminho da amizade e da colaboração na grande causa da luta pela Paz.»

a) Nikita Kruschiov e Klement Vorochilov.

«Venho retribuir em meu nome e em nome da Nação Brasileira os cumprimentos de Vossas Excelências e dos povos da União Soviética, ao ensejo do Ano Novo.»

Desejo na oportunidade manifestar a Vossas Excelências o interesse e satisfação com que o Brasil vem acompanhando os esforços desenvolvidos por todas as nações no sentido de propiciar ao nosso tempo um mundo de mútua compreensão e duradoura paz entre os povos.

O fato de que, no ano findo, uma Missão brasileira estêve na União Soviética reflete bem os elevados propósitos que animam nosso país de cooperar nesses esforços e formulamos sinceros votos para que o intercâmbio comercial que se inicia entre nossas Pátrias se desenvolva de modo a justificar as esperanças de quantos acreditam possam os povos contemporâneos viver sob a égide da concórdia e da paz e progredir e prosperar nos caminhos que souberam livremente escolher.

a) Juscelino Kubitschek.

ATENTADOS À LIBERDADE: JK FAZ O JÓGO DE JÂNIO

Texto na 3.ª página

ANO I — RIO, SEMANA DE 8 A 14 DE JANEIRO DE 1960 — N.º 46

**INTELECTUAIS
SUL-AMERICANOS
PELA LIBERDADE
DE ESPANHÓIS
E PORTUGUÊSES**

Texto na 4.ª página

**NOVOS
RUMOS**

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

SANGUE NO CALABOUÇO

Os estudantes reivindicavam apenas o direito de almoçar e jantar no restaurante do Calabouço. Para defendê-lo, programaram uma passeata de caráter pacífico, que não chegou a realizar-se. O governo, através de seu aparelho policial, quis abreviar a vida de dificuldades dos estudantes e mandou metralhá-los. Foi o presente de Natal de JK aos jovens, cuja história vai contada na décima segunda página.

OS TRABALHADORES E O DESENVOLVIMENTO

O discurso de Ano Novo de sr. Kubitschek não podia ser mais chocante como expressão do pensamento político de um grupo que vem pesando nas decisões do governo e inspirando os lances antinacionais e antipopulares de sua política. Ao fazer a apologia das realizações materiais do seu governo e, simultaneamente, ameaçar os trabalhadores com uma política de repressão violenta às greves pacíficas por aumento de salários, o Presidente da República advogou uma linha de desenvolvimento econômico, que a classe operária não pode deixar de repelir como contrária aos interesses do povo.

Ninguém mais do que os trabalhadores se empenha em tornar vitoriosa a causa do desenvolvimento econômico independente do Brasil. O próprio governo do sr. Kubitschek, apesar de suas repetidas concessões aos monopólios estrangeiros, tem contado com o apoio decidido do movimento operário organizado sempre que adota qualquer iniciativa de caráter progressista. Acusar os operários grevistas de «inimigos do progresso nacional», como o faz a odiosa mensagem de Ano Novo, constitui não apenas uma falsidade, mas uma calúnia grosseira que a classe operária rechaça indignada. Não é entre os trabalhadores que o sr. Kubitschek encontrará os adversários do desenvolvimento, mas nos círculos reacionários da oposição janista-lacerdistas e na camarilha de agentes dos trustes que cerca o próprio Presidente da República e promove uma política de capitulação ante os monopólios imperialistas, de desvalorização acelerada do cruzeiro e de encarecimento do custo de vida, em proporções tais que já constitui grave ameaça ao progresso econômico do país.

Precisamente porque os trabalhadores são firmes partidários do desenvolvimento econômico, não podem aceitar que ele se processe às custas da fome e da espoliação dos assalariados e da classe média, da supressão das liberdades democráticas e dos direitos sindicais — método preconizado pelas forças reacionárias e aceito, praticamente, pelo Presidente da República. Considerar a causa do desenvolvimento econômico incompatível com o bem-estar das massas trabalhadoras e com a vigência das liberdades significaria condená-la a perder o apoio da maioria do povo e, portanto, fazer o jôgo dos próprios inimigos do desenvolvimento.

Como podem os trabalhadores aceitar passivamente uma política em que eles — os criadores da riqueza, os agentes do desenvolvimento do país — são condenados a sofrer crescentes privações, enquanto os grupos capitalistas estrangeiros e nacionais acumulam enormes lucros, graças à inflação? Não tem autoridade moral para condenar as greves um governo que presenciou impassível a elevação de 50% no custo de vida, em um ano apenas, sem adotar qualquer medida séria para enfrentar as causas profundas da carestia. A linha de desenvolvimento econômico defendida no discurso de Ano Novo é, portanto, uma linha repudiada pelo povo e fadada ao fracasso. Não tem por objetivo o progresso independente do país e situa-se no terreno da conciliação com os monopólios estrangeiros, como se pode depreender da preocupação manifestada no seguinte trecho: «As turbulências e greves afugentam os capitais que nos procuram a fim de ajudar-nos a desenvolver este país». Uma política de dependência ao imperialismo e de sacrifícios crescentes para o povo não pode receber

(Conclui na 5.ª Pág.)



INSTRUÇÃO 192
DA SUMOC:

Presente de Natal
aos Trustes

(Página 6)

PRESTES:
62 ANOS
E UM BÓLO

Como acontece todos os anos, o aniversário de Prestes foi festivamente comemorado nas mais diversas cidades brasileiras por seus amigos, correligionários e admiradores. Nesta Capital, entre outros atos, teve lugar na Ilha de Paqueta, concorrido piquenique, ao qual compareceram mais de duas mil pessoas. Presente, Prestes e seus familiares foram alvos de numerosas manifestações de simpatia. Na 11.ª página damos completa reportagem sobre essas comemorações. Na foto, Prestes e Anita, cercados por seus admiradores, quando se preparavam para cortar o enorme bolo comemorativo do aniversário do querido líder popular brasileiro.

Provocações Nazistas Cobrem a Alemanha

“Todos os judeus da Alemanha vão morrer para que o seu hábito judeu não envelene mais o ar”: esta ameaça bestial foi feita numa carta anônima recebida por antigo prisioneiro do campo de concentração de Theresienstadt, M. Hamburger, anão de oitenta anos. Infelizmente não se trata como se poderia pensar quinze anos depois da derrota definitiva do nazismo, de um ato

isolado partido de um indivíduo louco ou exacerbado. Já há anos que os remanescentes do nazismo, aglomerados no Partido do Reich Alemão, vêm realizando, sob a proteção magnânima do governo de Adenauer, uma propagação sistemática pelos “ideais” de repressão aos judeus, “marcha para o leste”, hegemonia alemã na Europa etc.

Diante da tolerância absoluta do governo de Adenauer em relação às suas atividades, os nazistas resolveram dar uma prova de força no fim do ano: na véspera do Natal a sinagoga de Colônia foi profanada por dois militantes do Partido do Reich, jovens de pouco mais de 20 anos, que pintaram cruzes suásticas e escreveram “Fora os judeus” em suas paredes. Imediatamente depois, como que obedecendo a um sinal, multiplicaram-se as manifestações nazistas, principalmente anti-semitas por todo o território da República Federal Alemã.

GOVERNO “ENTRISTECIDO”

O governo da RFA apressou-se em demonstrar sua “tristezinha” pelos atentados nazistas contra os judeus e promete “se esforçar” para evitar que eles se repitam. Silêncio o governo Adenauer, entretanto, sua atitude até hoje, seu incentivo aos nazistas. Recentemente, um jornal inglês publicou extensa reportagem dando conta da existência de grupos de jovens treinados por ex-oficiais e soldados do exército nazista e “SS”. A reportagem não constitui denúncia porque estes grupos e “associações de jovens” já foram demascarados como grupos de choque nazistas por várias personalidades democráticas alemãs sem que o governo, desobedecendo os acordos de Potsdam, fizesse qualquer coisa para reprimi-los.

Enquanto proíbe o Partido Comunista, o governo da RFA nada fez para controlar as atividades do Partido do Reich. Adenauer chegou mesmo a presidir reuniões de ex-combatentes, um dos mais fortes pontos de apoio do neonazismo. Os livros es-

colares foram cuidadosamente depurados de toda e qualquer crítica ao regime hitlerista. Antigos oficiais da Wehrmacht foram colocados em cargos militares e civis de importância. A distribuição de boletins, jornais e outras publicações com lemas nazistas nunca foi proibida no território da República Federal, mesmo depois que democratas de todo o país chamaram a atenção para o perigo representado pelo renascimento do hitlerismo.

Os atentados anti-semitas nazistas do fim do ano foram programados pelo Partido do Reich. Seu presidente, Wilhelm Meinberg, assim como a maioria dos outros dirigentes, foi oficial da SS nazista. Por isso, não é sem razão que uma das coroas de flores colocadas pelos antigos membros da resistência antinazista ao pé do monumento às vítimas do nazismo em Colônia dizia: “Os assassinos ainda estão entre nós”.

KRUSCHIOV AOS OCIDENTAIS

“Aceitai o Desarmamento Geral e Desmobilizaremos Nossos Soldados”

“A política de posições de força nunca fez bem a ninguém e se, contrariando o bom-senso, tentar-se prosseguir, ela levará necessariamente ao desenvolvimento da guerra, com o emprego de poderosos meios de destruição, aniquilamento em massa das populações e colossal destruição de riquezas materiais e culturais”, declarou Kruschiov numa mensagem de ano novo em resposta a numerosas saudações procedentes do Japão e enviadas por particulares, jornais e agências telegráficas.

Referindo-se à situação internacional, Kruschiov se congratula pelo alívio da tensão internacional ocorrido em 1959. Ressalta que os mais amplos círculos de todo o mundo já têm consciência do absurdo da corrida desenfreada aos armamentos e da estocagem de bombas atômicas e de outras armas de extermínio em massa.

Frisa sentir-se grandemente reconfortado por constatar que se reforça a tendência ao alívio internacional e à solução, por negociações, dos problemas em suspenso, nos próprios países em que, há bem

pouco tempo, ameaçava-se com o emprego da bomba atômica e se declarava “fazer uma política à beira da guerra”. Grande papel foi desempenhado, nesse sentido, pelos encontros e pelas conversações, em 1959, entre estadistas da URSS e dos Estados Unidos, da Inglaterra e de outros países.

PARA QUE A CONFERÊNCIA DE COPULA SEJA UM SUCESSO

Lembrando, a seguir, que a conferência de cume se realizará a 16 de maio, em Paris, Kruschiov declara: “A URSS conta que nessa conferência se tomarão medidas que abram caminho a um acordo quanto ao desarmamento e a outros problemas cruciais da política internacional. A URSS fará, por sua vez, todo o possível para que a conferência seja coroada de êxito”.

Após observar que o princípio da coexistência pacífica se impõe cada vez mais na vida internacional, Kruschiov acrescenta: “O gelo da guerra fria começou a derreter, e esse fato inspira a todos os

povos grandes esperanças. Não devemos, porém, superestimar essa vitória: é apenas um começo, embora bom, que deve ter prosseguimento, em benefício da paz”.

A URSS faz esforços sistemáticos no sentido de que, por meio de negociações, se possa chegar a um acordo que permita garantir a coexistência pacífica e a cooperação vantajosa entre todas as nações, independentemente de sua estrutura social.

PAZ PELO DESARMAMENTO

O chefe do governo soviético frisa, a seguir, a importância de seu plano de desarmamento geral, apresentado à ONU, indicando que se o mesmo for levado à prática, o perigo de guerra desaparecerá totalmente no mundo: “Somente então a paz sólida e segura será realidade”.

Kruschiov critica severamente os adversários do alívio da tensão internacional, principalmente os que se encontram no Japão. Seu objetivo, — afirma — é arrastar o Japão para os blocos de guerra, manter nesse país bases militares estrangeiras e conservar a tensão em todo o Extremo Oriente: “É perfeitamente claro que sua política é incompatível com o espírito da época e pode acarretar perigosas consequências contra os interesses nacionais do Japão e de seu povo”.

MAIS TERRÍVEL QUE HIROCHIMA

Kruschiov saudou, nesse sentido, o movimento contra a guerra atômica, pela amizade entre os povos e pela neutralidade do Japão. O povo japonês não deseja uma nova guerra atômica ainda mais terrível, pois foi o pri-

meiro a sofrer os efeitos do bombardeio atômico.

Kruschiov continua, analisando as relações soviético-japonesas. Sublinha que estas poderiam desenvolver-se ainda mais, se também a parte nipônica manifestasse boa vontade nesse sentido: “Falando francamente, há no Japão círculos bem conhecidos que procuram sementar a má vontade e a inimizade para com a URSS, duvidando da sinceridade de suas intenções. Estamos, porém, firmemente convencidos de que a verdade sobre a política de paz da URSS se propagará entre o povo japonês. É evidente para todos os homens sensatos, que o povo soviético só nutre, em relação ao seu vizinho, o Japão, sentimentos de amizade e de cooperação”.

Kruschiov afirma também que a URSS deseja intensificar suas relações comerciais com o Japão e que a realização do plano setenal soviético abre, a esse respeito, amplas perspectivas. Concluindo, manifesta a esperança de que no ano novo se reforçará a compreensão e a confiança entre a URSS e o Japão, fazendo-se assinalar por uma “melhoria radical” nas relações soviético-japonesas, progresso que servirá aos interesses dos dois países e da paz geral no Extremo Oriente. “Que o ano novo consolide a amizade entre todos os povos e reforce a paz geral”.

Redução dos efetivos soviéticos

Falando por ocasião das comemorações do Ano Novo, o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Kruschiov reiterou a disposição do Governo soviético de dissolver o Exército Vermelho se for aceito o plano de desarmamento universal. Sugeriu também Kruschiov a possibilidade da diminuição dos efetivos militares da URSS, entregando-se a defesa do país no sistema de foguetes. A imprensa capitalista se apressou em dizer que o governante soviético ameaçava com a guerra atômica global, aludindo ao potencial atômico-militar da URSS.

A verdade é que o potencial militar dos países socialistas, além de garantir a defesa indispensável das conquistas sociais de um terço da humanidade, constitui a maior garantia da paz mundial. Basta que se compare: a supremacia absoluta dos Estados Unidos quanto ao armamento atômico-nuclear manteve o mundo diante da ameaça iminente da guerra durante vários anos; a supremacia absoluta da URSS quanto aos foguetes balísticos fez com que fosse aliviada a tensão internacional e aumentou radicalmente as possibilidades de conclusão de um acordo sobre o desarmamento.

A redução dos efetivos do Exército Soviético, sugerida por Kruschiov, caso se prolonguem demasiadamente as conversações em torno do desarmamento, é outra demonstração clara da política de paz da URSS. Os benefícios que a redução dos efetivos soviéticos traria à economia e a toda a vida do país são por demais evidentes, dispensando comentários. O que vale a pena ressaltar é que, graças aos esforços do campo socialista e das forças pacíficas de todo o mundo, já se aproxima o dia em que será possível aproveitar a energia e o trabalho de milhões de jovens, atualmente nas fileiras dos exércitos, para o desenvolvimento econômico e social dos povos, em que estará definitivamente afastado o espantoso da guerra.



Escola pública ameaçada em seu próprio berço —

Com a aprovação, pelo senado francês, da nova lei decaulista sobre o ensino, que já havia sido aprovada pela Câmara, encerrou-se uma fase da luta em defesa da escola pública na França, com uma vitória parcial da reação clerical e do poder pessoal de De Gaulle. Apesar do protesto veemente das associações de professores e de estudantes, dos sindicatos, de centenas de associações locais e de pais de família e de milhões de assinaturas em memoriais, o parlamento (fabricado pela V República não teve dificuldades em vencer a resistência dos comunistas, socialistas e republicanos democratas. Pelo projeto aprovado, as escolas católicas passarão a ter preferência na concessão de recursos oficiais, sem se submeter ao mínimo controle por parte do Estado. Enquanto isto, as escolas públicas, tradição nacional desde a Revolução Francesa, são relegadas à miséria. Em defesa da escola pública, foi formado pelas associações de professores, estudantes, operários e populares o Comitê Nacional de Ação Leiga, que depois de mover enorme campanha popular contra a lei, está, agora, mobilizando a opinião pública contra a lei de proteção às escolas clericais.

Na China — O Grande Salto Para a Frente De 1958

LUIZ CARLOS PRESTES

A vitória da revolução na China deve-se antes de tudo à sábia direção do Partido Comunista liderado pelo camarada Mao Tsé-tung, que se destaca no movimento comunista mundial porque sempre soube aplicar a doutrina marxista-leninista às condições específicas do país.

Se assim foi na luta revolucionária que levou à vitória histórica de 1949 e à instituição da República Popular, à mesma causa se devem em grande parte os êxitos que vem alcançando o povo chinês na construção do socialismo. Tudo na China continua a ser essencialmente chinês. O povo chinês constrói o socialismo pelo seu próprio caminho.

As condições específicas da China — dizia-o, em 1957, o camarada Mao Tsé-tung — permitem que na construção do socialismo sejam alcançados novos ritmos, superiores àquelas conseguidos na União Soviética. E isto, porque a China é um grande país com uma enorme população de 650 milhões de habitantes e pode contar com a experiência e a ajuda desinteressada da União Soviética e de outros países socialistas. O fundamental é conseguir pôr em tensão toda a energia dessa imensa força revolucionária de milhões de seres humanos que querem sair do atraso, da miséria e da ignorância e alcançar uma vida digna e feliz. E isto o conseguem, sem dúvida alguma, o Partido Comunista da China.

O povo chinês confia no seu governo e no Partido Comunista que o dirige. Lança-se por isso à realização das tarefas traçadas sem medir sacrifícios e disposto a alcançar novos e novos êxitos. É necessário — disse-o o Partido Comunista — produzir ferro e aço, porque com ferro e aço fazem-se máquinas e com ferro, aço e máquinas pode-se conseguir um rápido desenvolvimento da indústria e da economia nacional. Estava dada a diretiva. Pelo país inteiro surgiram os pequenos altos-fornos, capazes de produzir ferro e aço, e que utilizando os recursos locais e a mão-de-obra local permitiram em 1958, que a produção de aço, por exemplo, chegasse a cerca de 11

milhões de toneladas, ou mais do dobro da produção do ano anterior. Ritmo de desenvolvimento jamais conhecido e que seria efetivamente impraticável através da construção apenas de altos-fornos segundo a técnica moderna, construção que exige maior soma de recursos financeiros, uma mão-de-obra especializada e muito maior tempo. Para que se avalie a importância dos pequenos altos-fornos autônticos, basta dizer que em julho de 1959 a capacidade total dos pequenos altos-fornos (de 6,5 a 100 metros cúbicos cada um) elevava-se a 43.000 metros cúbicos, enquanto a dos grandes altos-fornos chegara apenas a 24.000 metros cúbicos. Nestas condições, durante o Segundo Plano Quinquenal (1958-62), os pequenos altos-fornos poderão produzir um total de 55 milhões de toneladas de ferro. E com os melhoramentos que nelas poderão, pouco a pouco, ser introduzidos, estarão em condições, no ano de 1963, de já produzir 15 milhões de toneladas de ferro por ano.

O que caracteriza o caminho chinês na construção do socialismo é essa justa utilização da energia revolucionária das massas que leva ao emprego simultâneo de métodos modernos e primitivos, conforme as possibilidades do conjunto do país e de cada região ou localidade. Ao mesmo tempo que são planejadas e construídas empresas grandes e médias que utilizam métodos modernos, são construídas pequenas empresas que usam métodos primitivos ou autônticos. É a isto que os chineses em sua linguagem, para nós por vezes tão singular e estranha, mas sempre objetiva, ou gráfica, se o quiserem, chamam de emarchar com as duas pernas, isto é, não marchar com um só pé.

Esta política baseia-se naquilo que os comunistas chineses chamam das cinco simultaneidades: 1) cuidar da industrialização do país, particularmente da indústria pesada, mas igualmente do desenvolvimento da agricultura; 2) da indústria pesada, mas igualmente da indústria leve, sem a qual não será possí-

vel ganhar os 550 milhões de camponeses; 3) desenvolver a indústria centralizada ou nacional, mas igualmente a indústria local; 4) cuidar da grande indústria, mas igualmente da pequena; 5) dar atenção à técnica moderna, mas também cuidar do artesanato ou dos métodos primitivos de trabalho. Semelhante orientação permite a ampla mobilização de toda a população, permite interessar a todos, mesmo nas regiões mais atrasadas do país, no processo de desenvolvimento econômico. Consegue-se a justa unidade das possibilidades objetivas com a atividade subjetiva das massas.

Foi com tal orientação que no ano de 1958 o valor da produção industrial aumentou na China de 66% em relação ao ano anterior e que o volume da produção agrícola cresceu de 25% em relação com a de 1957. São ritmos sem precedentes e que, com razão, constituem um grande salto para a frente na construção do socialismo. Se para conseguir tais resultados foi de importância a contribuição da técnica avançada da União Soviética e de outros países irmãos do campo socialista, o que permitiu o rápido desenvolvimento da indústria moderna na China, de outro lado é de destaca-

car-se a enorme contribuição das grandes massas populares armadas apenas dos recursos técnicos mais rudimentares.

É comovedora e empolgante a grande lição que nisto se encerra. Todos trabalham e lutam por produzir mais, melhor, mais rapidamente e de maneira mais econômica. Servindo-se de grandes máquinas e utilizando a técnica a mais avançada onde isto é possível, mas, simultaneamente, e muitas vezes, lado a lado, usando métodos e processos menos avançados e mesmo os mais rudimentares, puxando carros ou transportando terra e pedras em padiolas ou pequenos cestos, servindo-se apenas dos braços, das pernas, ou da habilidade das mãos de cada um... A experiência chinesa como que coloca concretamente diante de nós a importância decisiva da força revolucionária das massas. De todos os instrumentos de produção — dizia Marx — a maior força produtiva é a própria classe revolucionária.

Noutro artigo veremos a importância que tiveram as comunas populares na realização do grande salto para a frente de 1958.



NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomília Jr.
Secretário — Fragmon Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghillar dini.

MATÉ-IZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/405
Endereço telegráfico — “NOVOSRUMOS”

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral " 130,00
Trimestral " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasado " 8,00

Entreguistas Do Governo Fazem o Jôgo De Jânio

No instante em que as forças populares e nacionalistas começam a dar o melhor de seus esforços no sentido do reforçamento e da popularização da candidatura do marechal Teixeira Lott, levando para as ruas o programa patriótico e democrático que esta candidatura representa, vê-se, por outro lado, que, cedendo à pressão dos grupos mais reacionários e entreguistas, o sr. Juscelino Kubitschek envereda por um caminho que, ao contrário, só pode criar embaraco à candidatura do ministro da Guerra. É o caminho indicado no infeliz discurso de Ano Novo e que se traduz em vários atentados aos direitos sindicais e num massacre de estudantes como há muito não se verifica nesta capital.

CONTRA OS TRABALHADORES

A orientação fixada pelo sr. Juscelino Kubitschek no discurso de 31 de dezembro é um desafio aberto aos trabalhadores. Pretendendo negar o direito da greve e insistindo em considerar como «de-

sordeiros» os dirigentes sindicais, o Presidente da República chegou ao cúmulo de afirmar que o último ano de seu Governo seria especialmente consagrado ao esmagamento das lutas reivindicatórias dos trabalhadores, quando o que se tinha o direito de esperar é que ele anunciasse medidas concretas visando conter e diminuir a insuportável ascensão do custo de vida. Com o evidente objetivo de ameaçar, o sr. Kubitschek disse mesmo que a sua paciência já se esgotara, esquecendo-se de que esgotada está, já há muito tempo, a paciência de um povo que compra carne a 120 e mais cruzeiros e arroz a quase 50 cruzeiros.

A orientação antioperária e antipopular definida pelo sr. Kubitschek não pode, de modo algum, corresponder ao que se espera de um Governo que esteja de fato interessado em contribuir para a vitória de um candidato que, apoiado pelas forças nacionalistas, é entretanto uma de suas figuras mais destacadas. E isto quando, em oposição ao marechal Lott, as forças entreguistas e inimigas do povo apresentam um candidato que é um velho profissional da demagogia e da absoluta falta de escrúpulos quando se dirige às massas.

PROVOCAÇÕES CONTRA O PTB

O discurso de Juscelino, as violências contra o movimento sindical e os estudantes e as ameaças que se fazem em setores do Governo como o Ministério da Justiça ocorrem no mesmo momento em que se sucedem as provocações contra os elementos nacionalistas e democráticos do situacionismo, especialmente contra o PTB. O próprio discurso do sr. Juscelino Kubitschek contém referências dirigidas quase abertamente aos líderes petebistas e ao próprio sr. João Goulart que, como se sabe, se solidarizou com os trabalhadores de S. Paulo no recente movimento contra a carestia de vida. Segundo a linha do discurso presidencial também o sr. Goulart está incluído entre os «desordeiros» contra os quais se promete toda espécie de punições e violências. Elementos ligados ao Catefe, por sua vez, fomentam as intrigas em torno de figuras de maior projeção no PTB, sobretudo o governador Leonel Brizola. a

quem são constantemente atribuídos planos de «subversão da ordem».

CONSPIRAÇÃO ANTI-LOTT

Não é difícil perceber que tudo isto representa, no fundo, uma verdadeira conspiração contra a candidatura do marechal Teixeira Lott. E que o centro de onde parte esta conspiração é o grupo de entreguistas e reacionários enquadrados no Governo — a cuja frente estão homens como os srs. Armando Falcão e Amaral Peixoto — que não se conformam com o conteúdo de luta patriótica e democrática que dá sentido à candidatura Lott.

Em realidade, que poderia resultar de um maior agravamento da tensão existente entre o PTB e o PSD — tensão criada e mantida precisamente pelos dirigentes possedistas mais reacionários? Que seria da candidatura Lott sem um apoio sólido das forças populares e patrióticas, do movimento operário e, em geral, das forças que lutam pela independência nacional e a legalidade democrática? Pois o que visam os entreguistas do Governo é exatamente desvincular essas forças da candidatura do marechal Teixeira Lott, reduzi-la à condição de uma candidatura unicamente identificada com a reação governista para, no final das contas, cristianizá-la.

Este é o resultado a que se chegaria no caso de prevalecer a orientação violentamente antipopular e antidemocrática que Armando Falcão e Amaral Peixoto vêm imprimindo, com o apoio do sr. Kubitschek, ao situacionismo. Teríamos então o marechal Lott como o candidato de um Governo que reprime a bala as justas reivindicações dos trabalhadores e estudantes, que intervém nos sindicatos e considera greves como desordens.

O JOGO DE JÂNIO

A política do grupo reacionário do Governo — aceita e defendida por JK em seu discurso de Ano Novo — corresponde apenas aos interesses do entreguismo e da reação, que têm em Jânio Quadros por exemplo, o entusiasmo do seu candidato. Vê-se, por exemplo, o entusiasmo com que «O Globo» aplaude, em seu editorial de terça-feira última, o discurso de Juscelino, afirmando inclusive que a fala

presidencial não faz senão reconhecer a justiça de tudo quando tinha sido dito pelo vestestino da Light há muitos anos. E é uma verdade: as vociferações contidas no discurso de Ano Novo contra os trabalhadores e o seu inquestionável direito de greve são tão absurdas e chocantes que só podem mesmo ser encontradas em jornais do reacionismo de «O Globo».

Aliás, em muitos outros pontos vem se verificando uma absoluta comunhão de vistas entre os porta-vozes janistas e elementos do situacionismo. As provocações contra o PTB, por exemplo, são perfeitamente sincronizadas; ao mesmo tempo em que elementos governistas lançam intrigas contra dirigentes trabalhistas, o «Jornal do Brasil» faz alarde em torno de uma mentira envolvendo o governador Brizola e o general Osório Alves, logo desmentida pelo comandante do III Exército.

É cada vez mais claro que a orientação antipopular e antidemocrática que vem sendo seguida pelo Governo e que o próprio presidente da República passou a patrocinar com o seu discurso de Ano Novo só pode agradar aos partidários de Jânio.

REFORMA DO MINISTÉRIO

Os desmentidos que

têm sido apresentados, com uma ênfase fora do comum, às notícias sobre uma próxima reforma do ministério mostram também a sofreguidão com que os reacionários do Governo procuram agarrar-se com unhas e dentes às posições em que se acham e evitar que haja uma mudança de rumos, no sentido do nacionalismo e da democracia, como se torna indispensável para assegurar plenamente a vitória da candidatura Lott em 1960. Inspirados pelo ministro Armando Falcão, dizem alguns jornais que as notícias de reforma ministerial são uma forma de «pressão» da PTB sobre o Governo, mas que nada será modificado. A verdade porém é que essa pressão vem sendo feita por todas as forças nacionalistas e populares, já há muito tempo, preocupadas em que se oriente o Governo por uma política voltada para os interesses nacionais — e não os do FMI — e para as justas reivindicações do povo, e não para os frívolos estrangeiros.

A reforma ministerial, trazendo consigo uma verdadeira mudança de política, é uma exigência de todos os patriotas. E é hoje, sem dúvida nenhuma, necessária para assegurar a vitória da candidatura nacionalista de Lott nas urnas de 1960.

Fracasso: Soma De Legendas

Fracassou a tentativa de alterar o processo eleitoral por meio do projeto que institui a soma de legendas, com transferência de votação entre os candidatos de eventuais alianças partidárias em favor do que, dentro da aliança, obtiver maior votação.

A iniciativa não será mais levada ao Parlamento, como se pretendia, ao se iniciarem os trabalhos do Congresso.

Homenageado Em Sergipe Agliberto Azevedo

ARACAJU — Voltando ao seu Estado, em visita a família e seus numerosos amigos, Agliberto Azevedo recebeu calorosas homenagens dos trabalhadores e do povo sergipano.

O destacado líder popular participou em várias manifestações e foi recebido oficialmente pelo governador Luiz Garcia, pelo prefeito da Capital, sr. Conrado de Araújo, e pela Câmara de Vereadores. No legislativo municipal Agliberto Azevedo foi saudado pelo vereador Agonalto Paes, do PTB. Em seu discurso, Agliberto agradeceu a recepção que lhe ofereceram os vereadores de Aracaju, congratulando-se com a luta do povo sergipano e de seus representantes pela justiça e pela democracia e em defesa dos interesses nacionais contra os tristes imperialistas.

Na sede do Centro Operário Sergipano, com o salão superlotado, Agliberto Azevedo pronunciou uma conferência sobre a luta da classe operária brasileira pelos seus direitos e pela democracia e a independência nacional. O representante do prefeito, vereadores e numerosos dirigentes sindicais compareceram a mesa que dirigiu a reunião, na qual Agliberto foi entusiasticamente aplaudido. No dia 3 participou num ato em homenagem a Presles, pela passagem de seu aniversário, quando voltou a usar da palavra. Sábado, dia 9, deverá pronunciar uma pa-

leta na sede do Instituto Histórico.

O entusiasmo popular despertado pela visita de Agliberto Azevedo ao seu Estado abaton inteiramente a provocação contra ele lançada pelo coronel José Lopes Bragança, comandante da Guar-

nia, como se pretendia, ao se iniciarem os trabalhos do Congresso.

Tendo surgido com o apoio do PTB e do PSP e em face de reações inicialmente favoráveis dos srs. Amaral Peixoto e Armando Falcão, que depois passaram a atacá-lo, logo se tornou evidente que o projeto da aliança de legendas viria



Agliberto de Azevedo

mento, como se pretendia, ao se iniciarem os trabalhos do Congresso. Tendo surgido com o apoio do PTB e do PSP e em face de reações inicialmente favoráveis dos srs. Amaral Peixoto e Armando Falcão, que depois passaram a atacá-lo, logo se tornou evidente que o projeto da aliança de legendas viria

Fora De Rumo

RAIMUNDO NONATO

Na passagem do Ano Novo, Kruschiov formulou novas propostas de desarmamento, chegando a sugerir a hipótese de dissolução do Exército Soviético. Surgiu entre os escumbrós fumegeiros de uma guerra, o Estado Soviético resistiu à agressão armada, ao bloqueio, ao boicote, à sabotagem, às ciladas diplomáticas e à campanha de calúnias. As primeiras propostas soviéticas, seu primeiro decreto sobre a paz, não encontraram da parte das potências imperialistas resposta favorável. Ao contrário: os imperialistas invadiram a Ucrânia, o Donetz e a Sibéria.

Descrevendo no vivo esses episódios, Antonio Gramsci observava, no entanto, em 1919: «A humanidade tende a organizar-se num sistema de convivência pacífica». Os fatos estão confirmando a lúcida previsão de Gramsci. A Rádio do Vaticano, noite de São Silvestre, reconheceu que «a causa da paz ganhou terreno». O primeiro-ministro britânico Macmillan manifestou esperança e otimismo quanto a 1960 e a linguagem de De Gaulle, segundo alguns observadores, foi a mais otimista dos últimos anos. Em Roma, Giovanni Gronchi pregou o 31 de dezembro a abertura de caminhos de convergência e de cooperação. Walter Ulbrich, na República Democrática Alemã, aplaudiu o estabelecimento de uma data para a Conferência de Cúme, apesar dos obstáculos opostos por Adenauer.

Sim, os revanchistas ainda esperam! E a mentalidade revanchista encoraja no sul da República Federal Alemã demonstrações antijudais, de cunho nazista. Theodor Plievier, em seu livro «Stalingrado», já formulava a indignada apóstrofe: «Será esta a lei do povo alemão, do mesmo povo do qual surgiram Gutenberg, Matthias Gruenwald, Martin Luther, Beethoven e Immanuel Kant? Em face da tremenda derrota e do massacre desnecessário, Plievier chamava: «Isto não pode ser esquecido!» Mas os senhores de Bonn se esforçam para esquecer as lições de ontem.

Os revanchistas ainda esperam e os seguidores de uma política ultrapassada continuam brincando carnaval depois da quarta-feira. Na ONU, o sr. Freitas Valle, em nome do Brasil, defende interesses estranhos ao nosso e nada estranhos ao imperialismo norte-americano. Freitas Valle ajuda os covetores que desejam desenterrar a questão da Hungria.

Não são infundadas, porém, as esperanças de paz. Em 1847, a Internacional Comunista, em seu primeiro manifesto, proclamava a política de paz dos trabalhadores. Em 1917, o primeiro governo operário e camponês renovava o chamamento de paz de 1847. Não foi atendido, pela segunda vez, o chamamento. Mas o poder soviético não foi destruído e hoje a URSS lidera no mundo a política de paz. E 1960 é o ano da Conferência de Cúme.

a ser um elemento a mais de perturbação do processo eleitoral, trazendo dificuldades à própria candidatura do marechal Teixeira Lott pela divisão que provocaria entre forças que já apoiam essa candidatura e outras que tendem a marchar para ela.

O malogro de mais essa tentativa de alterar o processo eleitoral, no ano que antecede ao pleito, comprova o artificialismo de qualquer solução que se afaste dos caminhos normais para as eleições de 1960. Em face da disposição de forças que se formou para a luta eleitoral, refletindo as tendências fundamentais em choque hoje na sociedade brasileira, o rumo de todas as correntes que se batem pela libertação do país, pela legalidade democrática e por uma vida melhor para o nosso povo é o incessante fortalecimento da candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott.

Azevedo dirigiu telegrama ao ministro da Guerra, mar. Teixeira Lott.

DENYS E O MINISTÉRIO

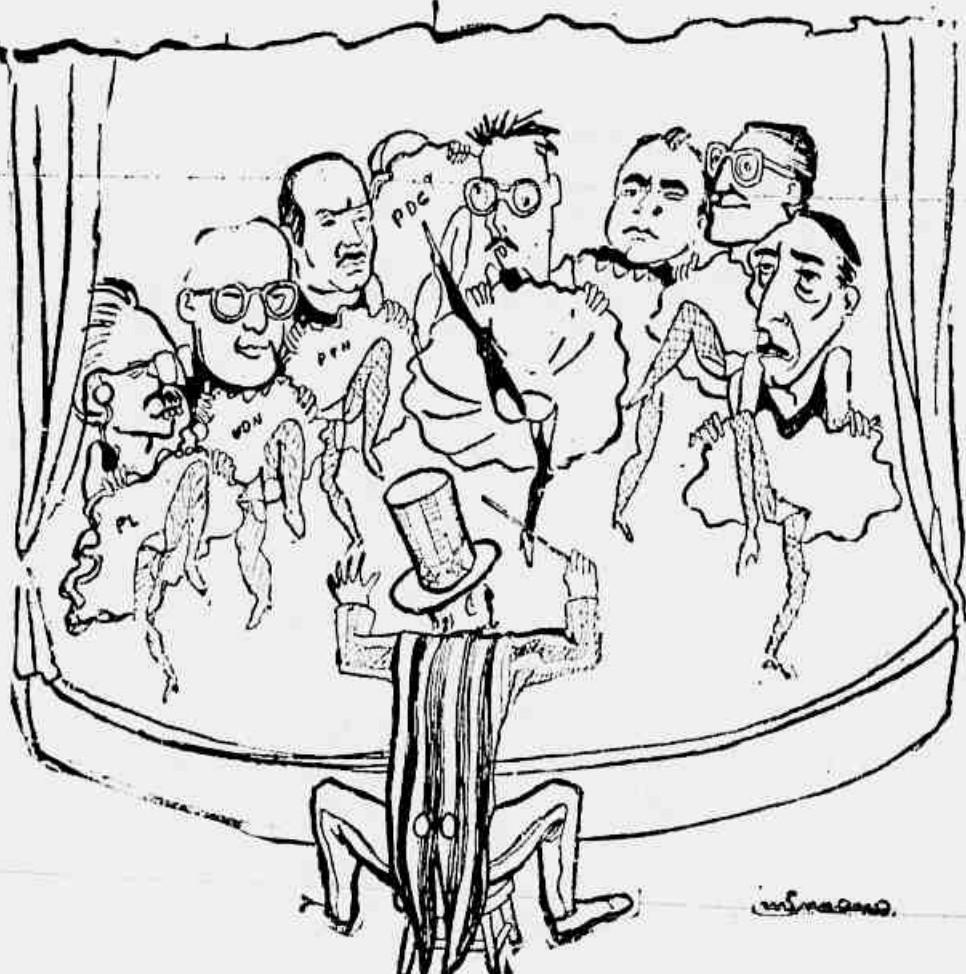
Em seu último encontro com os cronistas políticos, segunda-feira passada, o marechal Teixeira Lott reafirmou que deixara o Ministério da Guerra, desincompatibilizando-se para a campanha eleitoral, no instante que ele próprio considerava conveniente, tendo como limite o prazo estabelecido pela Constituição do país. A insistência com que o marechal Lott tem sido apontado sobre esta questão pelos jornais janistas corresponde ao propósito, abertamente revelado pelos círculos, que apontam o candidato da «renúncia irrevogável», de abrir uma brecha na unidade das forças que, no setor militar, têm marchado ao lado de Lott na preservação da legalidade constitucional.

Este propósito se revela principalmente na posição em que vêm se colocando jornais como o «Correio da Manhã» em face do marechal Odílio Denys, comandante do I Exército. Referem-se os janistas ao marechal Denys como se se tratasse de um militar que, diferentemente do marechal Teixeira Lott, pode oferecer, uma vez na chefia do Exército, a garantia de realização de eleições e de posse do eleito, seja ele quem for. A própria designação do atual comandante do I Exército para a direção do Ministério da Guerra, desde que se desincompatibiliza o marechal Lott, passa a ser apresentada como uma exigência dos setores ligados a Jânio.

Trata-se, como é claro, de uma simples manobra de envolvimento. Através desse artilhariação os setores janistas dar amanhã a impressão, mais ou menos confirmada a nomeação do marechal Odílio Denys, de que a sua designação se deve à «pressão» que nesse sentido teria sido feita pelos grupos contrários à candidatura Lott. Estes grupos ficariam então em condições de esperar do possível futuro ministro da Guerra um tratamento baseado na «gratidão».

Esta tática de envolvimento está levando os setores mais delirantes do Clube da Lanterna a fazerem uma intriga segundo a qual os comunistas estão organizando toda uma campanha com o fim de impedir a nomeação do marechal Odílio Denys.

Tudo, porém, não passa de intriga. E, como de outras vezes, os lanterneiros não perderão por esperar.



Pela liberdade dos presos políticos da Espanha e Portugal

Intelectuais Do Brasil e Argentina Apóiam a Conferência De São Paulo

S. PAULO (Da Sucursal) — Novas e significativas adesões de eminentes personalidades e instituições estão sendo recebidas pela Comissão Coordenadora da 1ª Conferência Sul-Americana Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal, que se realizará em São Paulo, no Salão Nobre da Faculdade de Direito, nos dias 22, 23 e 24 de janeiro próximo. Conforme declarações da Comissão Coordenadora, o conhecido homem de letras e professor universitário Alvaro Lins, embaixador do Brasil em Portugal que concedeu asilo a Delgado devido à perseguição salazarista, aceitou felizmente a presidência da Conferência.

O ilustre escritor encabeçará efetivamente o chamamento dos maiores vultos intelectuais do país, convidando para participar do conclave membros da Academia Brasileira de Letras, artistas plásticos e destacadas personalidades da colônia portuguesa radicada no Rio de Janeiro.

CARTA DE RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL

A medida que aumentam os preparativos e a Conferência ganha maior amplitude nos países sul-americanos, o movimento vai alcançando considerável repercussão. Assim é que o presidente da Real Academia de la Lengua, Ramón Menéndez Pidal, hoje com noventa anos de idade, a maior glória contemporânea das letras espanholas, respondendo a uma carta que lhe foi dirigida por um dos convocantes da Conferência, manifestou-se brilhantemente com relação à mesma. Cabe mencionar o fato de que Pidal, recentemente, encabeçou o apoio dos intelectuais espanhóis em favor da anistia.

E o seguinte o texto da carta enviada ao professor

Idel Beckel por Ramón Menéndez Pidal:

«Recebo com emoção sua carta de 28 de novembro, anunciando-me a petição que formulam os intelectuais e políticos brasileiros em prol da anistia dos que sofrem perseguição por suas idéias políticas.

Os que aqui nos interessamos tanto por esse problema, vemos com profundo sentimento de gratidão que contamos com o apoio dos nossos irmãos da América.

Confla o senhor, que El Campesador, o mais ilustre desterrado, inspire o milagre da compreensão nos que podem decidir neste assunto. Vivamente desejamos que a mensagem de afeto e de esperança redigida pelos senhores consiga o que tanto ansiamos aqui faz muito tempo; as duas Espanhas tão divididas agora devem integrar-se e colaborar na sorte da pátria comum.

Muito lhe agradecerá, se isso for possível, me comunique o efeito causado pela generosa convocação brasileira.

Muito cordialmente reconhecido, saúdo-o com o maior afeto — Ramón Menéndez Pidal. Também uma saudação especial ao professor da língua espanhola.

DEPUTADOS RIO-GRANDENSES ADEREM À CONFERÊNCIA

Entre as importantes adesões que acabam de ser recebidas do Brasil, destacam-se as de quatorze parlamentares rio-grandenses que hipotecaram irrestrita solidariedade ao ato. São eles os deputados estaduais Pedro Alvarez (major do Exército), Paulo Couto (advogado), Moacir Caldas, Pedro Tassis Gonzalez, João Carlos Gastal (prefeito eleito de Pelotas), Carlos Santos (advogado), José Vêchio Guilherme do Vale,

Marcílio Loureiro, Nel Ortiz Borges (advogado), Ari Delgado, Adauri Pinto Filippi (advogado), Arnaldo Schiphrost Junior e Ataíde Pacheco Martins.

PARTICIPARÁ DA CONFERÊNCIA O ESCRITOR MANOEL SERTÓRIO

O conhecido escritor e advogado Manoel Sertório, recentemente chegado de Portugal, em carta remetida à Comissão Coordenadora assevera: «Por ter intervido em muitas dezenas de processos políticos julgados em Lisboa pelo Tribunal Pleno, tenho o conhecimento concreto da forma como caminha a máquina de repressão e de detenção dos antifascistas até terminar a mascarada ação judiciária dos julgamentos políticos. E' com esse material que me proponho comparecer e intervir na conferência sul-americana».

SENADORES DA REPÚBLICA E OUTRAS PERSONALIDADES

Entre as mais recentes adesões encontram-se as dos senadores Silvestre Pérciles, Gilberto Marinho, Arlindo Rodrigues, Miguel Couto, Ari Viana, Saulo Ramos, Mem de Sá, Vivaldo Lima, Atilio Vivacqua e Jarbas Maranhão. A Associação Paulista da Imprensa publicou seu apoio à Conferência devido aos aspectos humanitários do empreendimento, bem como aderiu à sua realização a Associação Interamericana da Imprensa.

Professores universitários e líderes estudantis continuam aderindo, sendo as mais recentes dos srs. Dante Moreira Leite, Manoel Cerqueira e George Nagle, professores da Faculdade de Filosofia de Araraquara (São Paulo); Antônio Cândido, Naief Safady, Jorge de Sena, Antônio Lázaro de Almeida Prado e Vitor Ramos, professores da Faculdade de Filosofia de Assis (São Paulo); Luiz Benedito Lacerda Oriandi, presidente do Centro Acadêmico Sampaio Vidal (CASV); Sérgio Ribeiro da Silva, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Araraquara.

Aderiram ainda, nos últimos dias, o vereador Wilson dos I. Ferreira, presi-

dente da Câmara Municipal de Ribeirão Pires, os srs. Moacir Félix — poeta, Homero Homem — escritor, Geir Campos — escritor, Eliseu Maia — poeta, Carlos Ribeiro — livreiro e editor, Savio Antunes — editor, Agripino Grieco — jornalista e escritor, Elisa Bandeira — escritora, Eugênio Marins — advogado e jornalista, Clevo Costa — advogado, Adolfo Casals Monteiro — escritor e professor universitário e Rachel Moacir — atriz.

ARTISTAS ADEREM E COLABORAM

Vários pintores que aderiram à Conferência deram quadros para serem leiloados em favor da mesma, após ficarem em exposição. O famoso Clóvis Graciano pintou um quadro especialmente dedicado ao movimento que foi impresso aos milhares e distribuídos pela cidade.

Da mesma forma o grupo de mímica Ricardo Bandeira dedicou um espetáculo teatral à Conferência e o escritor Tito Batini lançou a terceira edição de um livro em sua homenagem.

NOVAS ADEÇÕES DO EXTERIOR

De Buenos Aires, conforme comunicado da Organização de Ajuda pela Liberdade da Espanha enviado à Comissão Coordenadora, são as seguintes as novas adesões: vereadores E. Steffanelo, R. Castro, F. Moran, R. Colombo, A. Parodi, M. Soto, dr. Florencio Escardo — vice-reitor da Universidade Nacional de Buenos Aires; dra. Alicia Moreau de Justo — diretora do jornal «La Vanguardia» e membro do Comitê Central do Partido Socialista; Da. Maria Teresa Muñoz de Liceaga, deputada nacional pela U.C.R.I.; dra. Paulina Sinfeman — primeira atriz, Confederação dos Maestros da Capital Federal; Federação Argentina dos Trabalhadores na Imprensa; Sindicato Argentino da Imprensa; Confederação Argentina de Maestros e Professores Diplomados (C.A.M.P.Y.D.).

De Santiago do Chile, acaba de aderir conhecido cientista do Instituto de Medicina Experimental. De Montevidéu, o Sindicato de «Papeleros e Cartoneros» — autônomo, a Federação Uruguaia do Magistério e a Federação «Obrera del Transporte».



Com a presença de inúmeras figuras dos meios intelectuais, realizou-se, no dia 28 de dezembro, movimentada tarde de autógrafos na Livraria São José, com o lançamento dos livros de poemas Operário do Canto e O Pão e o Vinho, ambos editados pela Antunes, de Geir Campos e Moacir Félix de Oliveira, respectivamente. Na foto, em que aparecem os dois poetas autografando, vemos, entre outros, Molnar da Fonseca, Heitor Saldanha, Dinah Silveira de Queiroz, Astrojildo Pereira, Milton Pedrosa e o escritor boliviano Jesus Lara, que há pouco visitou o Brasil.

NOTAS SOBRE LIVROS

De um modo geral a produção literária brasileira de 1959 manteve-se em bom nível, com algumas excelentes obras e o aparecimento de novas e importantes obras de autores já consagrados. Principalmente na prosa de ficção — romance, novela, conto.

Entre os romances devemos logo destacar *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir, experiência nova e bem sucedida de um romancista que está construindo uma obra de grande envergadura. Outro que exige destaque especial é *O Trapicheiro*, de Marques Rebelo, aparecido já no fim do ano: é o 1º dos 7 volumes que formam *O Espelho Partido*, destinado a marcar época na história do romance brasileiro.

Com o *Manuscrito Holandês*, estreia em romance M. Cavalcanti Proença consolida os seus méritos de escritor de primeira ordem. *Maria de Cada Porto*, de Moacir G. Lopes, não o ilanda, mas de pessoas competentes tenho ouvido opinar que se trata de uma estreia realmente importante. Estreia em romance é também o livro de Adalgisa Nery — *A Imaginária*, de feição autobiográfica e intimista, e tanto mais de admirar quando se sabe que é romance realizado em meio a intensa e extraordinária atividade jornalística da autora.

Boa crítica tiveram, merecidamente, os romances *Crônica da Casa Assombrada* de Lúcio Cardoso, *Tal Dia é o Batizado* de Gilberto de Alencar, *Rua do Tempo Será* de Miercio Tatá, *Locomotiva* de Afonso Schmidt, *O Capitão Jaguara* de Paulo Dantas, *A Décima Noite* de Josué Montello, *Jodo Simões Continua* de Origenes Lessa, *Os Caminhantes de Santa Luzia* de Ricardo Ramos, *Uma Jornada para Ulisses* de Viança Moog, este último um mestre no gênero dito romance-ensaio, tão escasso entre nós. Novelas e contos: *Histórias Reunidas* de Aníbal Machado, um quase bissexto, escritor de alta categoria; *O Homem Que Não Gostava de Cães* de Milton Pedrosa, que reaparece em grande forma, depois de prolongado silêncio; *A Parábola das Cruzes* de Mário Donato, autor dos mais lidos no país; *O Diabo Veste-se de Prêto*, de Antônio d'Elia; *Novela Nação* de Djalma Trevisan. Enxutas, e bem de livros e brochuras de poesia pu-

COPACABANA

ENEIDA

Antes de entrar no assunto, propriamente dito, vai aqui um abraço para todos os leitores de NOVOS RUMOS, daqui e dos Estados. O abraço fraternal desta cronista desejando um ano de sessenta de coragem, saúde, prosperidade. Um ano de sessenta que nos dê a todos um país economicamente independente, um país fortalecido pela democracia e as liberdades. Possamos todos continuar de cabeça erguida e fria, tomando parte nas lutas de nosso povo, raciocinando como homens que sabem o que querem e que caminho pisam.

Agora vamos ao assunto: Copacabana anda sendo cada vez mais insultada, enlaçada. Querem falar em vício ou crime? Querem falar em "juventude transviada" (o que há é sociedade transviada, família idem) ou em perdições? Então falam em Copacabana. Nosso querido Jorge Amado outro dia, prefaçando uma novela de José Condé, disse que em cada esquina de Copacabana há um desespero. Mas os desesperos andam nas esquinas de muitos países do mundo. Há desesperos nas esquinas da França ou dos Estados Unidos. Não há um problema Copacabana, mas sim um problema Brasil, um problema social que é nosso e de muitos outros povos.

Ninguém quer ver que Copacabana é também uma cidade e como todas as cidades com seus pequenos e grandes burgueses; há miséria e há desperdício, há roupas molambentas e trajes riquíssimos. Não é Copacabana cidade que gera o vício e a corrupção. Eles são frutos sociais que

podem nascer em qualquer bairro e tanto maiores serão quanto mais habitados forem esses bairros.

Em Copacabana o que mais impressiona é esse choque de paisagens: a beleza das ruas, da praia, do mar olhando impossível a tristeza dos morros, as favelas crescendo. Copacabana não tem culpa de ser hoje o local de muitas buites, nem de possuir "infernhinhos" (estas, muito mais perniciosas do que as buites porque pelas não entra qualquer pessoa, só são frequentadas por "quem pode", enquanto os infernhinhos podem ser visitados pelos mais pobres, pelos mais tristes seres humanos).

Sou apenas uma cronista e não uma pregadora de moral; nenhum parentesco tenho com Catão, mas protesto contra os exagerados conceitos que andam fazendo por aí contra a praia mais bonita do mundo. O que realmente fez de Copacabana reunião de todos os divertimentos (bons e maus) foi justamente isso: é a praia mais bonita do mundo.

Não ausemo-la assim, sem mais nem menos. Muita gente, desgraçada gente, vem de outros bairros para lançar em Copacabana seus instintos. Nós outros, aqui moradores, somos criaturas simples, vivendo de salários, lutando contra o alto custo de vida, contra a falta d'água, contra as dificuldades de transportes, da mesma maneira como lutam os moradores da Praia do Pinto ou de Casadoura.

Feliz ano novo, Copacabana, tão insultada andas, tão injustiçada és.

RESULTADOS DO ACÓRDO CULTURAL

Soviético (nos EUA) estuda vida e obra de Jack London

As atividades culturais do ano que passou também se desenvolveram sob o signo da coexistência, da maior aproximação entre os povos.

Dos fatores que mais contribuíram para o enriquecimento do acervo cultural da humanidade destaca-se, sem dúvida, o acordo firmado entre os Estados Unidos e a URSS para um maior intercâmbio no terreno das idéias.

O acordo, que prevê cursos de especialização de estudantes soviéticos nos Estados Unidos e vice-versa, já começa a dar seus frutos.

Sob o título Jack London, novelista, Vil Bikov, licenciado que amplia seus estudos na Universidade de Moscou, está escrevendo sua tese para a obtenção do grau de doutor em ciências filológicas.

Em virtude do acordo, Vil Bikov estudou durante um ano na Universidade da Califórnia, onde continuou trabalhando na tese que começara a escrever em Moscou.

O futuro diplomado entrevistou-se com parentes e amigos de Jack London, visitou sua granja, estudou minuciosamente os manuscritos do escritor e fez os estudos norte-americanos sobre a sua obra. Muitos dos documentos relacionados com a vida de Jack London foram contados por Bikov em fita cinematográfica.

O trabalho realizado pelo filólogo moscovita na Universidade da Califórnia enriqueceu consideravelmente sua análise da trajetória criadora de Jack London. Além da defesa de sua tese, Vil Bikov pensa em publicar uma monografia sobre a vida desse clássico da literatura norte-americana.

INÉDITOS DE BALZAC

A revista literária *Svetlita*, da Geórgia (URSS), publicou recentemente nove cartas de Balzac, até então inéditas. Essas cartas, guardadas no Museu Literário da Geórgia, foram endereçadas a Pavel Jakkella, chefe da alfândega no povoado de Rachevilia, na fronteira da Ucrânia, com quem Balzac travou conhecimento em setembro de 1847, por ocasião de sua segunda viagem à Rússia.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

ASTROJILDO PEREIRA

TEATRO

BALANÇO DE FIM DE ANO

No momento histórico que atravessamos, dentro do panorama geral do maravilhoso desenvolvimento nacional, deixou o teatro, este ano, o seu lugar definitivamente marcado. Houve claras tomadas de posição, os rumos foram traçados e novos caminhos percorridos em todos os setores ligados ao teatro. Um sópro de renovação varreu e varre os arraisns dramáticos, desde a dramaturgia até à própria crítica especializada, passando pela cenografia, direção, montagem etc. Aquêles que têm consciência de suas responsabilidades, com verdadeiro espírito pioneiro, empenharam-se em provar — e o fizeram — que já era tempo de decretarmos a independência ou a maioridade de nosso teatro, imprimindo-lhe orientação autêntica, nacional. Não sofremos de xenofobia, somos dos que pensamos que a verdadeira arte não tem fronteiras, devemos aceitar tudo o que nos venha de fora e possa nos ajudar artística e culturalmente. Sem esquecermos, porém, que nossa obrigação primeira e contribuir para o surgimento de uma arte — no caso o teatro — ligada à nossa realidade social, econômica, humana. E ao fazermos este balanço, não podemos deixar de ter o pensamento voltado para esses jovens integrantes do Teatro de Arena de São Paulo que, de maneira continuada e coerente, vêm se dedicando com seriedade à tarefa de adotar no teatro um verdadeiro espírito de equipe, dentro de propostas pedagógicas de criar platéias conscientes e esclarecidas. Três peças de autores nacionais lançadas este ano — «GIMBA» e «ELES NÃO USAM BLACK-TIE», do jovem Gianfrancesco Guarneri, encenadas pelas companhias de Maria Della Costa e Teatro de Arena de São Paulo, respectivamente, e «O MAMBEMBE», de Artur Azevedo, constituiram grandes sucessos artísticos e financeiros. Além delas, outras hoje que merecem referência, tais como «AS PROVAS DE AMOR», de João Bethencourt, «O MACACO DA VIZINHA», de Macedo, a revista «DE CABRAL A JK», de Max Nunes e J. Maia, e outras de menor importância. Presentemente, apenas duas delas permanecem em cartaz — «O MAMBEMBE», no Teatro Copacabana, pelo Grupo dos 7, elenco dirigido por Gianni Ratto e composto de Fernanda Montenegro, Sérgio Brito, Grace Moena, Labanca, Valdir Maia e outros, e «ELES NÃO USAM BLACK-TIE», no Teatro de Arena, à Rua Siqueira Campos, em Copacabana — entrada pela Rua República do Paraguai — com o conjunto dirigido por José Renato, com Oduvaldo Vianna Filho, Vera Gertel, Flávio Migliaccio, Milton Gonçalves e outros. A todos os que frequentam teatro, lembramos que assistir a essas peças é um dever, uma necessidade, um prazer. «O MAMBEMBE» reconstruiu com autenticidade uma época, sua gente, seus costumes. Uma lição de história do Rio de Janeiro e do teatro no comércio do século. «ELES NÃO USAM BLACK-TIE» é uma lição de história dos nossos dias: a vida, os problemas econômicos, domésticos, sentimentais, de uma família proletária, com seus sentimentos de classe, sua solidariedade atunata e fraterna, suas lutas pela sobrevivência, seu apelo à vida e ao morro e seus moradores, sua existência carregada de dramaticidade e poesia...

Não deixem de ver «ELES NÃO USAM BLACK-TIE». Estêve um ano em cartaz em São Paulo. É uma oportunidade que não se deve perder.

FRANCIS BANDEIRA

LÍDERES SINDICAIS REPUDIAM AS AMEAÇAS DE KUBITSCHKEK



Thaumaturgo da Silva Goyo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos.

Encontrou a mais viva repulsa entre os trabalhadores e seus líderes as ameaças às liberdades e direitos sindicais, contidas no discurso de fim de ano que o presidente da República mandou o ministro Armando Falcão ler para o povo brasileiro.

OS METALÚRGICOS

A proposta do sr. Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Capital, e um dos mais prestigiosos líderes dos trabalhadores cariocas, declarou a nossa reportagem:

O discurso do Presidente da República não se condiz com o passado do seu governo e, pelo contrário, é uma peça de ameaça e de ataque à única classe que lhe tem sido leal — a classe operária. Repelimos as ameaças contra os direitos sindicais e democráticos. O Presidente da República, se quer encontrar os inimigos do seu governo, do progresso e da emancipação nacional, não os procure no meio da classe operária.

Uma coisa porém é certa: prosseguir o líder metalúrgico, não deixaremos de lutar pelas reivindicações dos massas trabalhadoras, e nem toleraremos quaisquer reações ou violências às liberdades sindicais e democráticas.

O Governo cede à pressão dos grupos econômicos que humilham o abastecimento do país para alcançar aumento de preços, como ocorreu com os argonites. Mostra-se incapaz de resistir às investidas dos tubarões do comércio contra a economia popular, e acaba ameaçando voltar todo o peso da repressão estatal contra a classe operária, que tem se limitado a lutar pelo reajustamento do seu salário, situação sempre abaixo do nível da vida.

As ameaças do Governo contra o movimento que

rário, conclui o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, não evitarão o desenvolvimento das lutas pelas legítimas reivindicações dos trabalhadores. Lançando-se contra os trabalhadores, o Governo está não só dificultando o cumprimento de suas metas, como ferindo mortalmente a candidatura do Marechal Lott, que até agora tem sido encarada com simpatia pelos trabalhadores de todo o país.

OS MARÍTIMOS

Thaumaturgo da Silva Goyo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, ouviu pela reportagem sobre o discurso governamental, declarou:

O Presidente da República está mal assessorado. O seu discurso ameaçador, voltado contra o movimento operário, e anunciando um retrocesso no caminho das liberdades sindicais e democráticas e uma prova dissonante. A referência feita aos marítimos brasileiros, como os melhores remunerados do mundo, é uma incongruência ao comparar a essa outra onde somos caracterizados como inimigos do país. O presidente confundiu uns poucos privilegiados com a maioria dos trabalhadores do mar. Confundido ainda as massas trabalhadoras, e o movimento sindical que as representa, com uma minoria de playboys de Aracajuas.

Os marítimos, prossegue Thaumaturgo Goyo, não pro-



Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos.

mostraram nenhum movimento subversivo, mas lutaram e continuarão lutando pelas reivindicações a que julgam ter direito.

Os trabalhadores do mar, muito ao contrário do que afirma o Presidente da República, sempre mostraram sua disposição de sair às ruas em defesa do atual governo e contra todas as tentativas golpistas. Não estão entre nós, portanto, os elementos que comprim-

contra o país. A bandeira da defesa e desenvolvimento da marinha mercante nacional foi e continuará sendo empunhada pelos trabalhadores do mar que, ao lado dos demais trabalhadores, lutam pela emancipação econômica do país.

O discurso do presidente da República, concluiu o líder marítimo, está mal endereçado. Não podemos aceitar qualquer retrocesso no caminho das liberdades sindicais e democráticas. Se o Governo deseja realmente a colaboração dos trabalhadores, antes de mais nada, de repetir as suas entidades sindicais, assegurando o pleno exercício das liberdades sindicais e democráticas.

OS BANCÁRIOS

Aluizio Pálhano, presidente do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal, também ouviu pela nossa reportagem, acenando:

O discurso de fim de ano do presidente da República é um documento que surpreende pelo seu sabor macabramente reacionário. Os trabalhadores e o movimento sindical brasileiro, que contribuíram decisivamente para a eleição e a posse do presidente Kubitschek, são visados diretamente pelas ameaças do governo, enquanto são esquecidos os burocratas de Aracajuas.

Professores Aguardam Decisão Sobre os 100%

O Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro, em assembleia programada para o próximo dia 12, examinará as reivindicações formuladas pelos professores do Distrito Federal, entre as quais a concessão de um reajustamento salarial, na base de 100 por cento.

Vários contatos preliminares já foram realizados entre os professores e os proprietários de colégios, visando ao encaminhamento amigável dos problemas apresentados pelos mestres do ensino carioca, que pretendem o seguinte: 1) aumento salarial de 100% sobre os salários vigentes; 2) pagamento de salários iguais para os novos professores; 3) salário mínimo por aula de Cr\$ 150,00 para os professores do ensino médio; 4) pagamento de salário mínimo por aula de Cr\$ 100,00 para os professores primários; 5) aumento de 10% por quinquênio; 6) gratuidade de ensino nas escolas para os filhos dos professores.

garcas e seus aliados, trêmulo e interessado em tumultuar a vida do país.

O presidente da República, prossegue o líder bancário, mal informado, investe no seu discurso contra os legítimos interesses reivindicados dos massas trabalhadoras, não tendo em conta o seu próprio sermão de defesa da ordem e da estabilidade econômica, que no ano que findou sofreram feroz Capital, uma rebatida inédita, em consequência dos próprios erros da administração federal.

As reivindicações dos trabalhadores são legítimas. O movimento sindical não está interessado em subverter o atual governo, mas sim em direcionar o desenvolvimento econômico do país. As entidades sindicais, que sempre estiveram ao lado do Governo, decidindo a legalidade democrática e apoiando todas as leis de defesa da independência e da soberania nacional, não podem deixar de protestar contra as ameaças do Governo, e de reafirmar a sua disposição de prosseguir lutando pelas reivindicações dos trabalhadores, repulsa todas as tentativas de violação das liberdades sindicais e democráticas, concluiu o líder bancário.



Aluizio Pálhano, presidente do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal.

Oswaldo Pacheco a NR

CARTA DE REIVINDICAÇÕES PARA GARANTIR TRABALHO E VIDA DECENTE AOS ESTIVADORES

Os estivadores de todo o país estão empenhados na tarefa de elaboração da Carta de Reivindicações, que constituirá o ponto básico para o desenvolvimento de nossas lutas por melhores condições de vida e de trabalho no ano que se inicia, declarou o NR Oswaldo Pacheco, novo presidente da Federação Nacional dos Estivadores.

As reivindicações específicas de cada grupo de trabalho, nas diversas localidades do país, prosseguiu, estão sendo estudadas pelos 54 sindicatos filiados à Federação. Esses sindicatos reunir-se-ão em cinco grandes encontros regionais, até fins de fevereiro, quando deverá ser elaborada e aprovada a Carta de Reivindicações. Essas reuniões serão realizadas em Recife, Maranhão (provavelmente), e Salvador.

Um dos assuntos que entrará em sua fase decisiva, em nossa Carta de Reivindicações, será a conquista do direito de férias. Os estivadores, por incrível que pareça, jamais gozaram férias em sua vida de trabalho. Esse problema, que agora está sendo encarado com a devida seriedade, encontra-se em vias de solução. Os sindicatos de Santos e do Distrito Federal já concluíram os seus estudos visando a consecução dos fundos destinados às despesas para o pagamento das férias. Os demais sindicatos estão procedendo a idênticos levantamentos.

Dessejamos que os sindicatos profissionais tenham o direito de executar os serviços de estiva, acabando com os intermediários que enriquecem às nossas custas, afirmou. Em nossa opinião, prosseguiu, só os armadores, os órgãos da administração pública dos portos, e os sindicatos deverão executar os serviços de estiva, devendo ser eliminados todos os intermediários, que encarecem e prejudicam as operações de carga e descarga das embarcações, atingindo diretamente os estivadores.

Salvador, Distrito Federal e Rio Grande do Sul, a fim de facilitar o encontro dos representantes dos estivadores de todo o Brasil.

Oswaldo Pacheco vem se revelando um autêntico dirigente sindical, sempre atento às reivindicações e decisões de sua corporação. O seu nome é querido e respeitado em toda a imensa faixa do país de Santos, onde desde muito jovem começou a trabalhar. Agora, os seus companheiros de profissão de todo o país o elegeram, por unanimidade, presidente de sua entidade máxima — a Federação Nacional dos Estivadores.

Oswaldo Pacheco, que é um profundo conhecedor dos problemas dos trabalhadores do porto, inquirido pela reportagem, adianta alguns pontos a constar da Carta de Reivindicações salientando:



SALÁRIO PROFISSIONAL

A revisão do salário profissional, prosseguiu o líder Oswaldo Pacheco, é outro aspecto das reivindicações que vem sendo levantadas em várias regiões, entre as quais, Sergipe e Ceará, onde os salários dos estivadores dificilmente vão além de 4 mil cruzeiros mensais.

Aliás, acrescentou o novo presidente da Federação, a nossa luta pela aprovação do projeto 850, de autoria do deputado Aarão Steinbrück, está intimamente relacionado com o esforço que vimos realizando para melhorar as condições de vida e de trabalho dos estivadores. Esse projeto que, com plena aquiescência do seu autor, já foi emendado pelos deputados Adílio Viana e Valdir Simões, faz readaptar às condições atuais a seção 8 da CLT, que trata dos serviços de estiva.

As resoluções aprovadas na II Conferência Sindical Nacional, recentemente realizada no Palácio do Metalúrgico, concluiu o líder dos estivadores, notadamente as relacionadas com o Direito de Greve, lei orgânica da Previdência Social, liberdades sindicais, e defesa de uma política nacionalista para os problemas nacionais, serão também parte do nosso programa de lutas para este ano novo.

MENSAGEM DA FSM AOS SINDICATOS DO BRASIL

Por motivo da passagem do ano, a Federação Sindical Mundial enviou às entidades sindicais brasileiras a seguinte mensagem:

A Federação Sindical Mundial viu com seus melhores votos para 1960, desejando-lhes novos êxitos em suas lutas por paz e independência nacional dos povos. Que 1960 corresponda às novas esperanças dos povos e não se robusteça a unidade da luta dos trabalhadores e dos sindicatos do mundo pela realização dos grandes objetivos de progresso econômico e social, do desenvolvimento geral e absoluto e da existência pacífica. No ano que finda as forças de paz do mundo obtiveram êxitos esplendentes. Desejamos que em 1960 se conquistem novas vitórias que levem ao mundo a era de paz e segurança a que aspira a humanidade. O SECRETARIADO DA FSM.

Padre afirma: operário faz greve para sobreviver



Padre William Silva

Salientando que os últimos movimentos grevistas ocorridos no país são parte da luta que os trabalhadores desenvolvem para sobreviver, o padre William Silva, falando à imprensa de Belo Horizonte, declarou:

O problema do Brasil é um problema universal, internacional. É uma consequência da estrutura econômica atual, que faz convergir as riquezas para as mãos de poucas, em prejuízo da grande maioria.

O padre William Silva, que é assistente regional da JOC em Minas Gerais, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica, e capelão do Colégio Sacré-Coeur de Marie, salientou ainda que segundo as estatísticas da ONU, 81% dos frutos da produção mundial pertencem a 19% da população do globo. A maior vítima desta situação é a classe operária, que não possui, muitas vezes, nem o mínimo indispensável para viver como criatura humana.

Notemos bem, prosseguiu o padre William, que a responsabilidade não é de um povo, porque o capitalismo é internacional. Esta é a situação do mundo atual. Por outro lado, concluiu o sacerdote, notamos que a classe operária começa a tomar consciência dessa situação e procura se unir, para sobreviver. E esta é uma atitude justa, perfeitamente compreensível.

MARÍTIMOS CONDENAM AS VIOLÊNCIAS DO GOVERNO

O Conselho da Federação Nacional dos Marítimos, reunido para discutir as medidas a adotar face às violências que o governo vem praticando contra as liberdades sindicais, resolveu lançar um manifesto condenando a intervenção do Sindicato dos Oficiais de Navegação, repudiando a exigência governamental de renúncia do seu atual presidente, e denunciando o governo por não haver cumprido os compromissos estabelecidos no acordo para a cessação da greve dos navios.

O MANIFESTO

É o seguinte o manifesto lançado pela entidade máxima dos trabalhadores do mar:

A Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos e Fluviais, em assembleia geral de seu Conselho de Representantes, reunido de quarenta e três sindicatos, resolve protestar contra os atos arbitrários do agente do Poder Público praticados contra a liberdade sindical garantida pela Constituição da República quando:

a) Fez, interdita ou interveio em qualquer organização sindical, como aconteceu com o Sindicato Nacional dos Oficiais de Navegação da Marinha Mercante e esta Federação;

b) Submeteu à prisão incommunicavel os líderes sindicais com o objetivo único e exclusivo de coagir de uma classe de trabalhadores em greve pacífica por suas reivindicações;

c) Sem estudo prévio e criterioso, declarou sumariamente uma greve ilegal, sem a menor manifestação do Poder Judiciário.

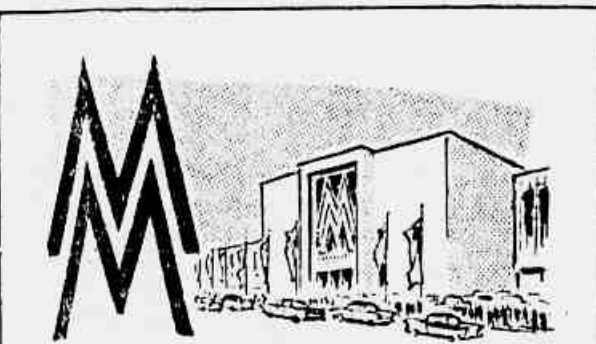
Este protesto público se justifica porque a interdição que sofreu esta Fe-

deração e a intervenção e interdição do Sindicato Nacional dos Oficiais de Navegação da Marinha Mercante, que ainda perduram, não tem o menor amparo legal, principalmente tendo em vista o compromisso assumido pelo Excmo. Sr. Ministro do Trabalho quando do término da greve.

Não se compreende como possa o governo, depois da cessação da greve dos oficiais de navegação e da compreensão assinada pelos Excmos. Srs. Ministros do Trabalho, Indústria e Comércio e de Viação e Obras Públicas no protocolo assinado a 26 do corrente (item 4): Não será aplicada nenhuma punição aos grevistas que retornarem ao trabalho de acordo com o item 1º, prolongar ainda uma situação de intervenção e interdição naquele sindicato de classe, com a esperança de que a pressão feita sobre o presidente daquele sindicato, no sentido de sua renúncia, alcance qualquer resultado. Esta Federação declara que não aceita qualquer imposição de renúncia a líderes sindicais legitimamente eleitos e empossados, principalmente quando se trata de sindicato filiado a esta Federação.

Não se compreende a razão da sistemática negativa de determinações autorizadas em se tratando a levar os dirigentes sindicais marítimos à presença do Excmo. Sr. Presidente da República, após que reiteramos por intermédio desta nota.

Finalmente, esclarecemos que esta Federação encontra-se em sessão permanente e já determinamos às entidades filiadas que se reúnam para deliberar a respeito do assunto contido na presente nota oficial.



28 de Fevereiro—8 de Março 1960

A FEIRA DE LEIPZIG

Feira Técnica e Feira de Amostras

O centro comercial dominante entre Leste e Oeste
O reflexo dos progressos técnicos
9500 expositores de 50 países

Visão gratuita para a visita da feira. Comunicações aéreas diretas. Redução da tarifa por Estações de Ferro. Prospectos em todas as agências internacionais de viagem e turismo.

Consultar Ofícios de identificação para visitar a Feira e obter o bilhete.

Representação Comercial da República Democrática Alemã no Brasil
Rua Senador Varguieiro, 50 - 12.º andar - Flamengo - RIO DE JANEIRO

Informações, indicação de firmas fornecedoras, etc. por: Leipziger Messeamt • Hainstrasse 18a • Leipzig (L) REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

OS TRABALHADORES...

(Conclusão da 1ª pag)

o apoio da maioria da nação e defrontara inevitavelmente uma resistência tenaz das massas trabalhadoras.

O caminho acertado para o desenvolvimento independente e progressista do Brasil não é, porém, incompatível com o bem-estar do povo e com o pleno gozo dos direitos constitucionais. As forças nacionalistas e democráticas, o movimento operário e sua vanguarda comunista têm lutado por soluções concretas capazes de dar um outro rumo ao processo de desenvolvimento econômico do país. A desvalorização do cruzeiro e a carestia da vida podem ser combatidas através de medidas energéticas, tais como a limitação da remessa de lucros do capital estrangeiro, a defesa dos preços externos de nossos produtos exportáveis, a redução das emissões excessivas destinadas a beneficiar o setor latifundiário-exportador e o desenvolvimento da produção agrícola através da reforma agrária.

Lutar por esta linha de desenvolvimento significa lutar por um governo nacionalista e democrático. Enquanto o governo do sr. Kubitschek viver como porta-vozes homens do tipo de Armando Falcão, dele se pode esperar manifestações de reacionarismo como esta da mensagem de Ano Novo.

Instrução 192 da SUMOC

Mercado Livre Mais Amplo Presente De Natal Aos Trustes

Transferida para o mercado livre de câmbio a exportação de produtos que rendem mais de 200 milhões de dólares — Bancos estrangeiros reforçam sua posição — Previsão : queda dos preços dos nossos produtos de exportação — Efeitos inflacionários — De limitação às remessas de lucros nem se fala ...

Ao apagar das luzes do ano que findou, baixou o governo uma nova instrução da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) relativa ao regime das exportações. Confirmaram-se, assim, os rumores que vinham correndo insistentemente e aos quais, como sempre, as autoridades opunham formalmente desmentidos.

Pela Instrução 192 passam para o mercado livre de câmbio todos as exportações que vinham sendo feitas através do mercado oficial, com exceção do café, cacau, mamona em bagas e petróleo e derivados. Entre outros, são os seguintes os produtos que passam a ser exportados pelo câmbio livre: babaçu em amêndoas, carnes, cera de carnaúba, cera de ouricuri, couros e peles, mate, madeiras, minério de ferro e manganês, ferro gusa, fumo em folha, la, óleos vegetais diversos, sisal. No último ano, as

exportações desses produtos proporcionaram divisas no montante de mais de 200 milhões de dólares. Antes da Instrução 192 os exportadores trocavam as cambiais resultantes de tais exportações no mercado oficial (Banco do Brasil) e recebiam 100 cruzeiros por dólar (Cr\$ 81,64 de bonificação mais Cr\$ 18,36 correspondente à cotação oficial do dólar). Agora, liquidando as cambiais no mercado livre, receberão por cada dólar uma quantidade de cruzeiros equivalente à cotação do dólar, no mercado livre, no momento da liquidação. É certo que não receberão tudo em dinheiro: estabelece a Instrução que, do total, Cr\$ 130,00 serão pagos em dinheiro e a diferença entre esta quantia e a cotação do dólar será paga em letras emitidas pelo Banco do Brasil, para serem liquidadas dentro de seis meses, rendendo juros de 6 por cento ao ano.

de um fardo de sisal por, suponhamos, 5 dólares e por cada um desses dólares recebe 100 cruzeiros. Pelo fardo receberá, então, 500 cruzeiros. De repente, ao invés dos 100 cruzeiros, por dólar, o exportador passa a receber 200 cruzeiros, isto é, 1.000 cruzeiros pelo mesmo fardo de 5 dólares. Sucede, então, que o importador estrangeiro, sabedor de que houve um aumento da receita em cruzeiros do exportador (e é em cruzeiros que este faz os seus despesas na compra ou na produção do sisal), manobra no sentido de reduzir o preço em dólares: em vez dos 5 dólares por fardo, paga apenas 4 (por hipótese), o que pode ser aceite pelo exportador, pois ainda assim sua receita em moeda nacional será de 800 cruzeiros (mais, mesmo, do

que os 500 cruzeiros que recebia inicialmente). É precisamente o que deverá ocorrer agora, pois a passagem daqueles produtos de exportação para o mercado livre equivale na prática a um aumento da bonificação aos exportadores. Entretanto, se do ponto-de-vista do exportador não há prejuízo, outro tanto não se poderá dizer se o problema for olhado sob o prisma dos interesses do país. Para o Brasil, o que ocorrerá é que antes se exportava um fardo de sisal por 5 dólares e agora por esse mesmo fardo, pela mesma quantidade de trabalho nele invertido, o país recolherá apenas 4 dólares. Há, assim, uma evasão da riqueza criada pelo trabalho dos nossos operários e camponeses, um empobrecimento de país.

Até temos o caso do café: em 1959, as exportações foram 45 por cento maiores (em volume) do que em 1958; mas os dólares que por ele nos foram pagos superaram apenas em 10 por cento a receita correspondente em 1958. Para obter a mesma quantidade de dólares, tivemos que exportar uma quantidade muito maior de mercadorias.

Que a presente Instrução foi baixada para atender a imposições do Fundo Monetário Internacional, corrobora também a circunstância de que muitos dos produtos passados para o câmbio livre vinham sendo normalmente vendidos, e não tinham necessidade de novos estímulos cambiais, como reconhece, aliás, «O Estado de São Paulo».

Efeitos inflacionários

Mais de dois terços da receita proporcionada pelas exportações brasileiras são utilizados pelo governo para atender aos seus diferentes compromissos: importações ao câmbio de custo (dólar de 100 cruzeiros), subvenções ao papel de imprensa, a indústria automobilística, financiamentos registrados na SUMOC, amortização e pagamento dos juros dos empréstimos e compromissos contraiados pelo país, dólares para os leilões oficiais de câmbio, etc. Ora, as exportações de café, cacau, petróleo e mamona não são suficientes para fornecer tal massa de dólares ao governo. Em consequência, terá ele que ir buscar no mercado livre, aos elevados preços aí vigentes, senão todos os 200 milhões proporcionados pelos produtos agora liberados, pelo menos uma grande parte deles.

Até aqui, o governo vinha comprando esses dólares a 100 cruzeiros; doravante terá que pagar muito mais por eles. Até aqui, esses dólares eram fundamentalmente uma fonte de renda para o governo, que os comprava a 100 cruzeiros vendendo boa parte deles, nos leilões de câmbio, com ágio superiores até a 400 cru-

zeiros. Essa diferença é empregada principalmente no pagamento de bonificações aos exportadores de café e cacau. Ora, as bonificações continuarão a ser pagas. De onde retirar os cruzeiros? Já no ano passado pela primeira vez

— desde que foi instituído o sistema dos ágios — o Fundo de Ágios pagou mais do que recebeu, isto é, apresentou déficit, que foi coberto com emissões. Este ano a situação preannunciase mais grave ainda.

Importações mais caras

Uma das vias que o governo utilizará para reduzir o déficit do Fundo de Ágios será o aumento dos ágios nos leilões, de tal maneira que uma quantidade menor de dólares produz a venda proporcionalmente maior de cruzeiros. Isto, porém, significará que as importações feitas através dos leilões — na categoria geral, como na especial — serão bastante encarecidas. O reflexo desse encarecimento sobre o custo de vida será inevitável, pois são muitas as importações gerais e especiais.

A fome de cruzeiros também se fará sentir para a compra dos dólares no mercado livre a um preço mais alto do que a que

vigorava até aqui. E não só. Dentro de seis meses começarão a vencer os prazos para liquidação das letras emitidas pelo Banco do Brasil e de que falamos anteriormente. O valor global destas letras dependerá das cotações do mercado livre. Se o dólar se mantiver com a atual cotação elevada ou subir, será maior a diferença entre os Cr\$ 130,00 e a cotação; será menor, se se der o inverso. De qualquer maneira, será um novo desembolso que o governo terá de fazer. E de onde retirar os cruzeiros para pagar as letras? Novas emissões se impoem, continuando, assim, o processo inflacionário.

Sangria continua

A nova Instrução da SUMOC cria uma situação ainda mais desfavorável à economia nacional, pois ao

invés de restringir ampliam as principais áreas de evasão da riqueza criada pelo trabalho do povo

Ampliação do Mercado Livre

De tal maneira, a primeira consequência da Instrução 192 é provavelmente a mais perniciosa e a ampliação do mercado livre de câmbio, com a correspondente redução do mercado oficial. Como é sabido, o mercado livre de câmbio é dominado pelos bancos estrangeiros — os mais fortes inicialmente — que operam com câmbio. Portanto, com esta nova instrução de mais de 200 milhões de dólares, uma parcela considerável das divisas proporcionadas pelas nossas exportações fugiu ao controle dos órgãos financeiros oficiais e ficou a disposição dos trustes e companhias estrangeiras para intensificar a operação saque contra o Brasil.

Por outro lado, a Instrução 192 exerceu efeito imediato no sentido da baixa da cotação do dólar no mercado livre, que já está na casa dos 190 cruzeiros, recuando dos duzentos e poucos cruzeiros a

que chegou a elevar-se. Também isso é favorável aos que fazem remessas para o estrangeiro, pois poderão comprar mais dólares com uma mesma quantidade de cruzeiros.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a Instrução 192 foi um excelente presente de fim de ano ao capital estrangeiro. Além, como veiculam alguns jornais, a nova reforma cambial está relacionada com as negociações em curso entre o governo brasileiro e, de outro lado, o FMI e o governo norte-americano. No dia mesmo em que foi tornada pública a reforma os telegramas fizeram de uma visita do embaixador brasileiro em Washington, sr. Moreira Sales, ao sr. Douglas Dillon, subsecretário de Estado para assuntos econômicos, mas não foram declarados os motivos da visita. Tudo indica, porém, que as duas coisas estão relacionadas.

Queda dos preços internacionais

É sabido que a cada reajustamento das subvenções oficiais às exportações sucede uma queda no

preço dos produtos exportados. É fácil compreender porque. Tomemos um exemplo, o exportador ven-



brasileiro: o mercado livre, e a falta de equivalência nas trocas internacionais. Quanto à limitação das remessas de lucros, dividendos, royalties, etc., continua tudo como antes, o país sendo desangrado. E se bem que no primeiro semestre possam ser menos sensíveis as consequências da inflação devido a uma série de fatores, inclusive a menor safra de café, não há por que considerar que a Instrução 192 abra perspectivas favoráveis ao Brasil em 1960. Pelo contrário, a Instrução fica a um passo apenas da reforma cambial total exigida pelo FMI e pelos monopólios norte-americanos (através do governo de Washington). Em 1960, muito provavelmente, veremos novas solicitações dos cafeicultores e cacacicultores para a liberação total das exportações. So restam eles, que se apresentarão, na certa, como vítimas de uma injustiça e de uma exceção. O sr. Clemente Mariani já deu a primeira tiro, que pede a suspensão do «confisco cambial» sofrido pelo cacau. A ele outras talvez se seguirão, por certo.

NOTA ECONÔMICA

“Mercado Comum” e Imperialismo

população (1 739.000 habitantes) é composta por camponeses pobres? Quem, sobretudo, se decidiria empreender tal aventura quando as barreiras alfandegárias impediam o comércio com os países próximos? «Mas — continua o artigo — depois de ter sido assinado o acordo de Tegucigalpa (do mercado comum) uma empresa norte-americana, a National Bulk Carrier, Inc., começou a projetar a construção de uma fábrica de papel e celulose de um valor de 40 milhões de dólares, no norte de Honduras, onde existem grandes quantidades de madeira. (...) «Já está em marcha uma indústria regional: a fábrica de pneumáticos inaugurada recentemente na Guatemala pela General Tire and Rubber Co. associada a um grupo de homens de negócios guatemaltecos. Por este artigo de «Latin American Report» se comprova assim que os grupos mo-

nopolistas norte-americanos despertam imediata e rapidamente para as novas possibilidades que lhes são abertas pelo sistema do mercado comum numa região da América Latina, ainda que esta região seja limitada. Um relatório do Comitê de Comércio da CEPAL, publicado em maio de 59, sobre o assunto (2º período de sessões, no Panamá), dá razão a esses grupos lanques, que acham no mercado comum um instrumento favorável aos seus interesses, na América Latina. «A necessidade de um marco institucional mais ou menos comparável (ao mercado comum centro-americano) nos diversos países (da América Latina) parece mais urgente para a instalação de empresas controladas por interesses estrangeiros, que para a de empresas em mãos de nacionais. Em geral, parece que as empresas estrangeiras têm mais mobilidade que as locais. Isto se deve, sobretudo, a que nas primei-

ras a propriedade e a administração estão separadas, e também com frequência a que contam elas com maiores recursos financeiros, que podem utilizar quando as circunstâncias aconselham uma mudança de instalação», diz o relatório da CEPAL, que continua: «Deixando de lado as indústrias que produzem principalmente para o mercado internacional, parece que em geral as empresas de propriedade estrangeira estão em melhores condições de adaptar-se que as nacionais (à nova situação criada pelo mercado comum, na América Latina). Pelas razões já indicadas, parece provável que a inversão estrangeira reaja mais rapidamente que a nacional face à criação de zonas de comércio mais extensas». Embora evitando dizê-lo explicitamente, a CEPAL deixa claro que as inversões estrangeiras de que fala são, sobretudo, norte-americanas. Seu relatório é um importante elemento para confirmar a convicção, já acentuada entre nós, de que qualquer instituição do tipo «mercado comum» na América Latina, nas condições atuais, será um instrumento de penetração e domínio do imperialismo norte-americano na região. R. A.

JANISMO GOVERNA CONTRA O POVO

Administração Carvalho Pinto: Polícia Nas Ruas e Carestia

São Paulo, Janeiro (Da Suctural) — Os últimos atos do governador Carvalho Pinto vêm confirmando amplamente quanto afirmamos já sobre o caráter profundamente reacionário e antipopular deste sucessor e aliado do sr. Jânio Quadros.

IMPOSTOS E TARIFAS

A "solução" encontrada para os numerosos problemas do Estado pelo atual governo consiste no recurso permanente ao aumento das taxas, impostos e tarifas. Ainda agora a Companhia Paulista foi autorizada pelo governo do Estado a aumentar em 6% suas tarifas, a Sorocabana quase 10%, a Estrada de Ferro Campos do Jordão 30%, a Companhia Mojiana mais de 10%. E de se notar que a Mojiana havia aumentado suas tarifas de 28,5% há seis meses atrás, enquanto a Sorocabana recebera, dois dias, Jânio Quadros e Carvalho Pinto, em novembro de 1958, um aumento de tarifas de mais de 40%.

Quando a taxa de Águas, o Estado inventou algo que constitui verdadeira novidade em matéria de escor-

cha; debitou aos consumidores uma "diferença de taxa" por serviços já prestados e taxados anteriormente. E tão grandemente ilegal a medida tomada pelo governo do sr. Carvalho Pinto, que mesmo jornais que o aplaudem, como "O Estado de São Paulo", denunciaram a manobra, enquanto numerosos consumidores estão impugando, perante o Poder Judiciário, essa cobrança. Isso não impede, entretanto, que o Departamento de Águas lance mão de ameaças de corte de serviço para fazer com que a grande massa dos consumidores atenda a sua exigência.

FUNCIONALISMO

Enquanto isso, o governador Carvalho Pinto recusa-se a atender as necessidades dos que trabalham para o Estado e se vêcia premiados pelo aumento incerto do custo da vida. Para que os ferroviários da Sorocabana recebessem aumento foi necessário forte pressão. Agora, o funcionalismo estadual está ameaçado de ter apenas um aumento de 20% (com uma pro-

messagem de mais 10% para julho quando o próprio governo do Estado, intervindo no sentido de impedir greves de diversas categorias profissionais, havia já reconhecido, em outubro e novembro, que era inteiramente justo um aumento mínimo de 35%. Sob a ameaça de veto total e substituição do aumento de vencimentos por um abono provisório — o que poderia levar certos setores do funcionalismo a se lançarem contra a Assembleia Legislativa — o governo estadual recusa-se a atender as solicitações de melhoria da proposta.

FORÇA PÚBLICA

O caso da Força Pública Estadual é uma consequência direta da política antipopular que de há muito vem sendo realizada pelo governo. Tanto oficiais quanto praças recebem vencimentos muito baixos — especialmente quando comparados com os polpudos salários dos apaniguados da polícia civil. Isso vem gerando uma situação cada vez mais difícil. Enquetes realizadas entre soldados, e cabos revelaram que mais de 50%

dos mesmos praticamente não consomem carne e leite. Isso tem levado alguns elementos desesperados ao suicídio (o índice vem aumentando constantemente, enquanto se verificam também casos cada vez mais frequentes de soldados que se aliam a "foras da lei").

Entre a oficialidade desperta protestos, além dos vencimentos deficientes, o critério antidemocrático de promoções. De qualquer maneira, qualquer promoção depende diretamente do governador, obedecendo, portanto, ao critério político, e não de competência.

A dependência da Secretaria da Segurança e muitas vezes, das próprias delegacias, desperta revolta, mesmo entre os oficiais de patentes superiores.

Foi a soma de tudo isso que levou centenas de oficiais e subordinados da Força Pública a um movimento generalizado de protesto, à elaboração e divulgação de manifestos, em consequência do que dezenas deles foram presos, enquanto alguns estão sendo processados.

AÇÃO ANTIOPERARIA

Mas, o que melhor caracteriza o governo do sr. Carvalho Pinto e sua ação contra as lutas e a unidade da classe operária.

Na preparação da jornada de protesto de 2 de dezembro e no processo de sua efetivação, o governo do Estado tudo fez para desmoralizar e dividir a classe operária e reprimir sua manifestação.

Isso ficou ainda mais claro quando os sindicatos do setor de transporte resolveram realizar uma paralisação, no dia 24 de dezembro, para jogar o passamento do abono de Natal. A polícia atirou-se com tática verdadeiramente selvagem contra os líderes e militantes sindicais mais destacados, no momento em que estes apelavam para os trabalhadores, nas praças e ruas, a fim de se recolherem os veículos. Centenas de trabalhadores foram espancados e presos, inclusive dirigentes sindicais, coisa que não acontece desde há bastante tempo em nosso Estado.

Tanto dirigentes do movimento anticarestia de 2 de dezembro como estes líderes sindicais do setor de transporte estão sendo processados pelo governo do Estado.

Também os trabalhadores da Usina Unão em luta por melhores salários e outras reivindicações, tem sido vítima da política do governo estadual. Presos e espancados foram milhares de funcionários da empresa para impedir a ação dos piquetes e dessa maneira proteger os tubarões do lucro.

POLITICA DA LIGHT

As mesmas táticas em que realiza uma política antioperária e antipopular, o sr. Carvalho Pinto procura fazer o jogo das grandes empresas imperialistas. O episódio da tentativa de nomeação do sr. Francisco Machado de Campos para a direção do Departamento de Águas e Energia Elétrica tem bem esse sentido. Diante do pedido de demissão do sr. Alvaro Souza Lima o governo encaminhou à Assembleia Legislativa a proposta de nomeação do sr. Machado de Campos, Acontece, entretanto, que o sr.



O governador janista de São Paulo, indiferente ao sofrimento do povo, manda a polícia às ruas para impedir que os trabalhadores exercem livremente o direito de greve. No recente movimento da CMTG registraram-se espancamentos e prisões (fotos) de numerosos grevistas.

Machado de Campos é diretor de uma empresa de energia elétrica que opera na região do Paranapanema. Nessa qualidade, existe uma certa identidade de pontos de vista entre esse senhor e as empresas imperialistas que aqui operam — a Light e a Bond & Share. Apontando o nome do sr. Machado de Campos, o que na realidade procurava o governo estadual era entregar essa importante posição a um elemento que, aparentemente defendendo interesses de empresas nacionais de energia elétrica, defendia de fato os interesses profundamente imperialistas da Light e da Bond & Share. Alertada por deputados patriotas e nacionalistas, a Assembleia vetou essa nomeação, pondo assim por terra, em parte, os planos do atual governador.

salários (enquanto seu cargo eleitoral n. 1, o governador Carvalho Pinto, manda espancar os trabalhadores

em luta, a nome do atual ministro da Guerra anuncia cada vez melhor recuperação.

O CINEMA EM 59

No começo do ano NOVO é costume fazer-se o balanço do ano VELHO e, nós do CINEMA, não poderíamos deixar passar a oportunidade de destacar os melhores filmes estreados em 1959. Principalmente, porque a maioria deles foi exibida somente nas capitais e continua inédita pelo interior do País.

Em 1959 os amantes do cinema tiveram um ano particularmente bom, pois foram estreados ou reprisados cerca de 20 filmes realmente importantes. Nosso critério, na seleção que apresentamos, está assentado nas qualidades humanas e artísticas de cada obra, quer se trate de uma comédia ou uma obra dramática. Procuramos valorizar o otimismo sadio, o realismo, a beleza plástica, a exaltação dos melhores sentimentos, a arte interpretativa, o sentido social etc.

No ano que passou, além do mais, estiveram representadas cinematografias há muito ausentes de nossas telas: Suécia, URSS, Japão, Hungria, Espanha, Tcheco-Eslôvaquia e Alemanha. O intercâmbio cinematográfico derrubou barreiras tradicionais, preconceitos arraigados, dando ao público a possibilidade de entrar em contato com outras culturas e tradições. O saldo apresentado em 1959 é positivo, muito embora nos tenham chegado inúmeros tabacais, mas isto já é outra história.

FRANÇA — «Mon Oncle» (Meu Tio), a deliciosa comédia de Jacques Tati, figurou entre os melhores

GENYON ALLIADO

filmes do ano ao lado de «Amantes» (Les Amants), a discutida película de Louis Malle, abordando o ousado tema do amor físico. Marcel Carné com «OK Trapaceiro» (Les Tricheurs) situou-se num plano mais discreto com a penetrante observação sobre a juventude sem camélias e sem esperanças.

ITALIA — «Eternos Desconhecidos» (I soliti ignoti), de Mario Monicelli, destacou-se pela notável comichidade e excecional inventiva, além de uma visão compreensiva da realidade e da miséria. «Um Rosto na Noite» (Un Notti Bianchi) traz a assinatura do artista Luciano Visconti além da técnica e poesia do original de Pasternak. «Noites de Cabiria» e «A Trapaceira» (Il Bidone), de Federico Fellini, transmitem as inquietações do realizador misturadas a preocupação de levar ao espectador uma parcela de responsabilidade na solução dos problemas expostos.

INGLATERRA — Charles Chaplin produziu si o seu primeiro filme após ter deixado os Estados Unidos. «Um Rei em Nova Iorque» (A King in New York), satirizando o neoclassicismo, a intolerância ideológica, os excessos da publicidade e da TV, tem lugar garantido entre as melhores películas estreadas em 59.

ESPAÑA — «Onde o Mundo Acaba» (Calambur), lançada às ocultas, veio a qualquer publicidade, revolta o cri-

meia espanhol de Luiz G. Berlanga, rico em humor, ternura e preocupações sociais. Berlanga, nesta comédia ingénua e romântica, critica jocosamente a histeria atômica fazendo apologia da vida simples e despreocupada dos habitantes de uma aldeia espanhola.

SUÉCIA — Ingmar Bergman, o mais fértil escritor e diretor do cinema sueco contemporâneo, esteve presente com duas obras — «Sorrisos de Uma Noite de Amor» e «Uma Lição de Amor». A elegância, a desinibição e o humor de Bergman, ao tratar do amor e de outras implicações da vida conjugal (como a fidelidade) obtiveram enorme sucesso. ESTADOS UNIDOS — «Um Homem Tem 3 Metros de Altura» (A man is ten feet tall), de Martin Ritt, revela uma notável evolução dos independentes de Hollywood no caminho do realismo. Generoso e honesto, proclama a igualdade racial. «Quero Viver» (I want to live), realizado por Robert Wise, reflete a condenação da intelectualidade norte-americana com relação à pena de morte. «Os acorrentados» (The Defiant Ones) mostra como um negro e um branco podem tornar-se amigos quando a contradição existente entre ambos é posta em termos de sobrevivência. É a primeira obra importante de Stanley Kramer.

UNIÃO SOVIÉTICA — O Quadragesimo Primeiro foi o primeiro filme soviético a ser exibido no Brasil após a guerra-fria. O diretor Gregori Chukrai fez de um episódio da Revolução de Outubro um filme romântico e belo. «O Quadragesimo Primeiro» marcou o feliz retorno do cinema soviético a nossas telas. «Oelo», de Serguei Lutkevich, trouxe a versão do drama shakespeariano em cores e na interpretação lo grande ator Serguei Bondartchuk.

AS REPRIZES — Duas reprises importantes durante o ano — «O Grande Ditador» e «A Grande Ilusão». A comédia de Carlitos e o drama de Jean Renoir, encenaram acolhida carinhosa por parte das gerações mais jovens que souberam apreciar o grande talento destes dois gênios cinematistas.

CINEMA BRASILEIRO — Em 1959, o cinema brasileiro pouco apresentou de novo. A exceção de «O Homem do Sputnik» e da produção «Orfeu do Carnaval», nada mais merece menção ou destaque. Em «O Homem do Sputnik», J. C. Maraga confirmou que tem boca para cinema e que acerta quando tem um bom argumento na mão. «Orfeu do Carnaval», embora frustrado na sua enorme ambição, é filme sério, feito com o desejo de mostrar ao estrangeiro o ritmo da nossa gente, o alucinante febre que é o samba.



Cena de «Onde o mundo acaba», bom filme espanhol exibido no Rio em 59.

A Fala Do Governo

ROBERTO MORENA

Estava a findar o 1959. Todos, sem exceção, esperavam a hora para se despedir do velho ano e saudar o que iria despontar. E mesmo no meio de angústias ou de aflições pelas inúmeras dificuldades da vida, todos queriam ouvir palavras de fé, de esperança e de anúncio de dias melhores. Eis que na «Hora do Brasil» o reacionário Ministro da Justiça, velho e empedernido lenteiro, leu a fala do governo. Mau augúrio. O que se ouviu não foi uma oração digna de um dia festivo e de alegria.

Surpreendeu a nação e o povo, principalmente a massa laboriosa, que se dedicasse tantas linhas a anunciar ameaças exatamente aos que sempre, fielmente, apoiaram o presidente Juscelino Kubitschek, na realização de seu programa, os que sacrificaram, muitas vezes, suas reivindicações, para dar o melhor de seus esforços na luta contra o nosso subdesenvolvimento.

Como não surtiu efeito a encenação armada pelo grupo reacionário no governo, com a propaganda do programa dos golpistas de Aragarças, em via de serem parados por eles, querem instrumentar um novo e alarmante processo. Greves houve em todo o ano de 1959, sem que se abalasse o regime. Os grevistas lutaram por suas reivindicações e direitos e mantiveram aberto diálogo com o governo e não houve necessidade de medidas tidas e alarmantes para se decidir esses inevitáveis conflitos econômicos. Por que agora toda essa encenação? Qual o plano sobre o qual o Governo diz estar perfeitamente informado?

O que pleiteiam os trabalhadores foi claramente exposto na II Conferência Sindical Nacional, com a presença de representantes do governo, do presidente da República, em primeiro lugar, dos poderes legislativo e judiciário. Que informações «misteriosas» dispõe o governo? Que o custo de vida aumentou no ano passado em 50,1%? Que o salário mínimo posto em vigor a 1º de janeiro de 1959 já foi trazido por esse aumento? Será que greves para se conseguir um modesto reajustamento de salário, que não vão além de 30 a 35%, são obras de agitadores e resultado de planos subversivos? Será que a greve dos oficiais de marinha e dos ferroviários da EFL (só por 24 horas) põe em perigo as instituições?

Quem está criando esse ambiente são os que se locupletam com as inúmeras dificuldades porque passa o povo. São os arambadores, os exploradores, os donos dos frigoríficos estrangeiros ou os traficantes de mercadorias pífias, como o feijão americano, grupos e homens poderosos, que zombam das medidas governamentais, que não quiseram cumprir o decreto de aumento do salário mínimo a 1º de janeiro de 1959.

Mas aparece claramente o rabo de gato escondido. Diz a fala governamental: «As turbulências e greves aumentam os capitais que nos procuram a fim de ajudarmos a desenvolver este país e desestimulam os nossos homens de empresas...». Ai está o dedo dos que não se conformam com a encampação da CEERG, com o progresso da Petrobrás, com a atitude patriótica contra as imposições do FMI, com a ampliação do mercado exterior do nosso país. Querem impressionar o povo com o fechamento da frigorífica Swift, no Rio Grande do Sul, como se isso abalasse a economia sempre crescente do nosso país. Que dizem os inspiradores e redatores da fala do governo do fechamento das fábricas de tecidos de Campos, de São Luis e Sergipe, onde os salários são baixos e não houve a turbulência e greves? Não se impressionaram e nem se comoveram com o desemprego de centenas de trabalhadores.

Os trabalhadores e o movimento sindical e que denunciam a pressão cada vez maior dos grupos econômicos tanto estrangeiros como nacionais sobre o Governo, que querem impedir que os trabalhadores lutem por melhores salários, que se organizem e se unam. Eles e o grupo reacionário no Governo ameaçam com o objetivo de dividir, desorganizar e reduzir a nada a atividade sindical e política da classe operária.

Não conseguirão seus propósitos porque o povo brasileiro já compreende e sabe as consequências de um regime de exceção, da falta de democracia e de liberdade. Repelir essas ameaças com uma ação serena, com a atividade unida dos trabalhadores e das organizações sindicais, em defesa de seus direitos conquistados da democracia e a liberdade sindical. Este é um dever de patriota e de quem luta pela emancipação do Brasil.

BOAS-FESTAS

Recebemos — Petribúmos votos de boas-festas das seguintes pessoas, entidades e firmas: Julia Ferreira de Magalhães, Maria Aragão, João Braga, Aureliano d'Almeida, José Bernardes, Teixeira Chaves, Sindicato Nacional dos Aeronáuticos, Sindicato dos Marinheiros e Trabalhadores nas Indústrias de Serapias e Móveis de Madeira do Rio de Janeiro, Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas, Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de Campos, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Porto Alegre, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Construção e Mobiliário de Itu, Associação dos Lavradores de Japeri, Saneadora Carioca de Limpeza Ltda., Lóide Aéreo, Guanabara Press, Agência de Notícias Alemã, Agência TASS, Revista «Documentos de Política Mundial», órgão do CC do Partido Comunista do Japão, Comitê Central do Partido Comunista do Chile, Revista «Problemas da Paz e do Socialismo», Instituto Internacional da Paz, Editorial Vitória, Centro dos Cronistas e Esportistas de Turfe, Legação da República da Tcheco-Eslôvaquia, Móveis de Agro Fiel S.A., e Domingos Ursino da Cruz.

80.º ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO DE I. V. STALIN

Um Firme Lutador Pelo Socialismo

(Transcrito do diário "Pravda" de 21 de dezembro de 1959)

Comemora-se, hoje, o 80.º aniversário de nascimento de Iosif Vissarionovitch Stalin.

I. V. Stalin pertence ao número dos mais destacados e primeiros membros do Partido Comunista da União Soviética, do Estado Soviético e do movimento comunista internacional. Foi proeminente teórico e propagandista do marxismo-leninismo. Durante longos anos, tanto no período de preparação como nos anos do Poder Soviético, Stalin lutou contra numerosos inimigos do leninismo. Foi lutador intrínseco contra a autocracia tsarista e o capitalismo, pela vitória da classe operária e pela causa do socialismo.

No mesmo tempo, porém, particularmente no último período de sua vida, Stalin cometeu sérios erros, causando grande dano à causa do Partido e do povo. Encontramos uma análise partidista e de princípios sobre a atividade de Stalin nos materiais do XX Congresso do PCUS, em discursos posteriores de dirigentes do Partido, na resolução do Comitê Central "A Superação do Culto à Personalidade e de Suas Consequências", na História do Partido Comunista e em outras obras.

O Partido distingue dois aspectos na vida e na atividade de I. V. Stalin. Para se compreender com acerto a essência da crítica partidária ao culto à personalidade, — afirma o camarada N. S. Kruschiov, — é preciso ter consciência profunda de que na atividade do camarada Stalin vemos dois aspectos: o positivo, que apoiamos e temos em elevada conta, e o negativo, que criticamos, condenamos e rejeitamos. Nosso Partido e todos nós condenamos firmemente Stalin pelos erros e deturpações grosseiras, que causaram sério prejuízo à causa do Partido, à causa do povo. Temos, nesta caracterização, a opinião geral de todo o Partido a respeito do caminho percorrido por I. V. Stalin.

Condenando e rejeitando com firmeza os erros e defeitos lamentados pelo culto à personalidade, o Partido apóia e tem em elevada conta, na atividade de I. V. Stalin, tudo o que nela houve de positivo e que serviu à grande causa da construção do comunismo.

I. V. Stalin viveu toda a vida, pelo caminho da revolução, quando V. I. Lênin, fundador e grande chefe de nosso partido, reuniu sob sua bandeira os melhores representantes do movimento revolucionário na Rússia. Stalin estava entre os que aderiram ao marxismo e se consagraram à causa da classe operária e do socialismo sob a direção de Lênin. Durante longos anos, e a partir de 1898, Stalin viveu como revolucionário profissional, sujeitando-se a grandes privações e à luta árdua nas difíceis condições da legalidade, de constantes perseguições policiais, de detenção celular e exílio.

Quando, em 1903, no II Congresso do POSDR, houve uma cisão e teve início a formação do Partido Bolchevique chefiado por V. I. Lênin, Stalin assumiu as posições deste, lutou intrinsecamente contra os mencheviques e por um partido de novo tipo, que tinha por finalidade conquistar a vitória da revolução e do socialismo.

Durante os anos da primeira revolução russa e no período da reação I. V. Stalin trabalhou na Geórgia e no Azerbaijão, reunindo as organizações bolcheviques da Transcaucásia à base da linha leninista.

Em 1912, o Comitê Central, eleito pela VI Conferência Nacional do Partido, realizada em Praga, incluiu I. V. Stalin, que estava ausente, no C.C. e no burô russo do C.C. O âmbito da atividade de Stalin se estendeu, desde então, por toda a Rússia, participando da publicação do jornal bolchevique "Pravda".

I. V. Stalin era vítima da perseguição tenaz que lhe movia a polícia tsarista. Em 1913 é preso e enviado para a região de Turukhansk. A vitória da revolução de fevereiro, democrático-burguesa, permitiu-lhe voltar a Petrogrado. Ingressou na redação da

partido, quando pôs a doutrina marxista-leninista e temperado no período de legalidade, nos anos de revolução e de guerra civil, contando já grandes êxitos na edificação do socialismo segundo a nova política econômica, dirigiu com firmeza o povo soviético pelo caminho socialista após a morte do grande Lênin.

Nesse período I. V. Stalin, em conjunto com M. V. Frunze, M. I. Kalinin, V. V. Kibiniev, F. E. Dzerjinski, G. K. Ordjonikidze e outros discípulos e companheiros de armas de V. I. Lênin, lutou contra todo gênero de grupos anti-leninistas em defesa do leninismo e contra as tentativas dos trotskistas, zinovievistas e "pretistas" no sentido de afastar o partido do caminho leninista e impor-lhe uma orientação capitulacionista. Stalin elaborou vários trabalhos teóricos que representaram grande papel no desmascaramento ideológico das concepções anti-leninistas. As principais dessas obras são: "Os Fundamentos do Leninismo" e "os informes aos congressos do partido".

Teve importância decisiva nesse período a defesa da doutrina leninista da possibilidade de vitória do socialismo em um só país considerado isoladamente da possibilidade de ser construída a sociedade socialista na URSS apesar de ser o capitalismo hostil.

Realizando o plano leninista de edificação do socialismo na URSS, o partido concluiu a restauração da economia nacional e tomou o caminho da industrialização socialista do país. Essa direção foi exposta no Informe Político do C.C. ao XIV Congresso do partido, em 1925, elaborado por I. V. Stalin. Firmando-se nos êxitos alcançados pela industrialização socialista, o partido levantou, no XV Congresso de 1927, o problema da passagem a coletivização da agricultura. A revolução cultural desenvolvia-se por todo o país.

Nos informes de balanço sobre a atividade do Comitê Central do Partido, apresentados por I. V. Stalin aos XVI, XVII e XVIII Congressos do PC (b) da URSS, encontramos a análise da estrada percorrida pelos povos do país desde a sua

Central do Partido, chefiado por I. V. Stalin, conduziu firmemente o país para a frente. Graças ao trabalho heróico do povo soviético e sob a direção do Partido Comunista da União Soviética, de atrasado e agrário o país foi transformado em potência socialista industrial altamente desenvolvida e com sua capacidade de defesa fortalecida.

Em 1941, quando a Alemanha hitlerista atacou a União Soviética, I. V. Stalin foi nomeado Presidente do Comitê da Defesa Nacional, Comissário do Povo para a Defesa e Comandante Supremo das Forças Armadas da URSS, reunindo e mobilizando, nesse posto, todas as energias do povo soviético para a luta pela defesa da Patria e derrota dos invasores. I. V. Stalin cometeu, ao mesmo tempo, sérios erros entre os quais tiveram as consequências mais penosas a análise errada da situação militar e estratégica do país às vésperas da guerra e a substituição do ataque militar que a Alemanha fascista preparava contra a URSS.

Após o término vitorioso da Grande Guerra Patriótica, o país soviético procedeu à restauração da economia nacional, imensamente prejudicada durante a guerra. Na rapidez com que o povo soviético, dirigido pelo Partido, restaurou a economia nacional e fez-lhe avançar, manifestou-se, de maneira particularmente brilhante, a superioridade do sistema socialista face ao capitalismo. São indiscutíveis os méritos



de I. V. Stalin na defesa da linha leninista e na conquista na vitória do socialismo na URSS. Há, porém, em sua atividade outro aspecto, o negativo, que se manifestou em grossos erros e vitios decorrentes do culto à personalidade.

O culto à personalidade de Stalin constituiu-se, pouco a pouco e desenvolveu-se em virtude das grandes vitórias alcançadas pelo socialismo. Os êxitos conquistados pelo Partido Comunista e pelo povo soviético, que foram atribuídos pessoalmente, em grandes conquistas do povo soviético foram imputadas ao culto de um só homem. Em virtude de tudo isso Stalin superestimava cada vez mais seus méritos, acreditava em sua infalibilidade e estimava a avaliação à sua personalidade.

Os erros cometidos surgiram, portanto, da causa

Para o desenvolvimento do culto à personalidade de Stalin, muitos contribuíram, os traços negativos do caráter de Stalin, os quais se referem a I. V. Lênin em 1922 em sua "Carta ao Congresso" Reafirmando os qualificados positivos de Stalin, seu eminente homem de Estado V. I. Lênin critica suas deturpações. Tornando-se Secretário-Geral, o camarada Stalin concentrou em suas mãos poder ilimitado e não está certo de que sempre se tenha dado conta com a necessária cautela. Stalin é demagogicamente grosseiro e esse defeito de todo suportável em tais casos e nas relações entre os comunistas torna-se insuperável na

função de Secretário-Geral. Propunho, por isso, aos camaradas pensar num meio de transferir Stalin desse posto e indicar para substituí-lo outro homem que em todos os sentidos se distinguia do camarada Stalin por um fator isto é, seja mais paciente, mais leal, mais cortês e mais atencioso para com os companheiros, menos capcioso, etc. Essa circunstância pode parecer uma bagatela insignificante. Mas... não se trata de ninharia, ou de uma ninharia que pode assumir importância decisiva. (Obras, tomo 36, p. 544-546).

No posto de Secretário-Geral do CC, Stalin durante certo tempo teve em conta as observações críticas de Lênin, mas posteriormente esqueceu-as. Com o decorrer do tempo o culto à personalidade de Stalin assumiu formas cada vez mais monstruosas, constituindo sério obstáculo à construção do socialismo, aos interesses do povo e retardando o progresso do país.

A complexa situação internacional e interna em que os povos da União Soviética viveram, pela primeira vez e sozinhos, de construir o socialismo, exigia tanto uma severa disciplina como uma estrita centralização da direção, o que aconteceu, em certos casos, com restrição da democracia soviética e também da democracia interna no Partido, limitação, aliás, de caráter temporário, justificada pela difícil situação decorrente da dura luta contra os inimigos, em

de teoria marxista-leninista, manifestando-se também no fato de ter sido muito exagerado o papel de Stalin na história do Partido e do Estado Soviético. O culto à personalidade de Stalin causou sério dano à sociedade soviética, retardando o seu desenvolvimento. Não modificou, porém, a natureza do regime socialista e não afastou o Partido do caminho leninista. As grandiosas bases do novo regime, lançadas pela Revolução Socialista de Outubro; o sistema socialista de relações sociais, criado sob a direção de Lênin; e a luta abnegada da classe operária, do campesinato trabalhador e da intelectualidade soviética pela edificação do socialismo em nosso país, deram resultados frutíferos, e a sociedade soviética marchou firmemente pelo caminho do socialismo.

Seu superar o culto à personalidade e suas consequências não se podia utilizar realmente todas as vantagens do regime socialista e desenvolver a capacidade criadora das massas. O núcleo leninista de dirigentes que se formara dentro do CC do Partido e que compreendia com justiça os problemas fundamentais tanto da política exterior como da política interna, lutou com decisão, imediatamente após a morte de Stalin, contra o culto à personalidade, com o objetivo de acabar com suas penosas consequências e limpar o caminho para o mais rápido avanço de nosso país para o comunismo.

Como o demonstrou, em 1957, a decisão do grupo antipartidário, havia no CC indivíduos que resistiam firmemente às medidas de liquidação dos efeitos do culto à personalidade e das violações da legalidade revolucionária contínuas no passado. Os participantes do grupo antipartidário demonstraram estar comovidos pelo conservantismo, agarrando-se de todas as maneiras às formas e métodos de trabalho velhos, obsoletos e que não correspondiam aos interesses do movimento para o comunismo.

O Partido fez uma correção política e completa do culto à personalidade de Stalin e das causas que o engendraram. Criticando de maneira aberta e audaz o culto à personalidade, o Partido visava a por fim às lutas e erros cometidos na agricultura, indústria, política nacional no campo da ideologia e também quanto às questões relativas às relações internacionais e à política exterior da URSS. O Partido extirpou as injustiças e o arbítrio cometidos contra muitos heróicos militantes, seus membros honestos, militantes comunistas e seu partido, deturpados ao socialismo e ao poder soviético. Graças a esse grande, pos-

so o Partido limpou o caminho, por iniciativa do CC, deitando fora tudo o que o atrapalhava e que era estranho ao espírito do leninismo e ao regime socialista, obstaculizando o avanço da sociedade soviética para o comunismo. O Partido criticou o culto à personalidade e pôs fim às suas consequências para que esses fenômenos jamais possam repetir-se no futuro. As medidas tomadas pelo Partido para liquidar as consequências do culto à personalidade exerceram imenso papel no desenvolvimento da iniciativa criadora em sua própria atividade e na do povo para a construção do comunismo.

Valendo-se da crítica ao culto à personalidade, os inimigos do comunismo e do Estado Soviético desencadearam uma campanha retribuinte, tentando denegrir o regime socialista, o Partido Comunista e a causa do socialismo. No entanto, todos os seus esforços foram vão. A União Soviética, dirigida pelo Partido Comunista, se livrou de toda a escória produzida pelo culto à personalidade e avançou com maior segurança e rapidez.

A campanha anticomunista fracassou vergenosamente. Todas as afirmações e elucubraciones caluniosas se dissiparam como emanações pantanosas aos raios do sol. A luta contra o culto à personalidade foi questão complexa e responsável. O Partido Comunista da União Soviética, — afirmou o camarada N. S. Kruschiov ao VII Congresso do Partido Operário Socialista Húngaro, — foi o primeiro a dar exemplo de condenação audaz e severa de todos os vícios, frutos do culto à personalidade. E procedeu acertadamente, embora alguns chegassem a afirmar que certas complexões na vida social dos países socialistas decorrem do XX Congresso de nosso Partido, motivo por que não era necessário levantar o problema de maneira tão aguda.

Não, camaradas, era indispensável fazê-lo. Era preciso que nos limpássemos e nos livrássemos de todo o refugo. Com base em sua própria experiência, o povo soviético constata a grandiosa importância positiva das providências tomadas pelo Partido e pelo Estado Soviético durante os últimos anos. Após superar as consequências do culto à personalidade, o Partido Comunista abriu amplo campo ao desenvolvimento da atividade criadora do povo, à manifestação da capacidade de iniciativa das massas e ao progresso da democracia soviética. Os resultados manifestaram-se na maior consolidação do regime social e estatal soviético e no aumento da influência exercida pelo Partido Comunista. A doutrina do marxismo-leninismo adquiriu novos adeptos, ao passo que a autocracia e o prestigio da União Soviética e de todo o campo socialista aumentaram consideravelmente.

Notáveis êxitos foram conseguidos no desenvolvimento da indústria da URSS, que cresceu de modo particularmente rápido durante o último quinquênio graças às grandes medidas realizadas pelo Partido. A agricultura socialista também progrediu aceleradamente.

O XXI Congresso do PCUS fez um balanço das grandes vitórias alcançadas pelo povo soviético e assinou o ingresso de nosso país na fase de ampla construção do comunismo. Nas resoluções aprovadas pelo XX e XXI Congresso do PCUS e pelos Planos do

Partido Comunista pôs em prática grandes providências para melhorar o bem-estar do povo soviético. A construção de residências se processa em ampla escala. Estão sendo postas em prática as providências para reduzir o dia de trabalho de todos os operários e empregados. A cultura e a ciência soviéticas avançam rapidamente. Os sucessos históricos alcançados pelo povo soviético durante os últimos anos reafirmam as posições do comunismo em todo o mundo.

A União Soviética conseguiu, na arena internacional, aliar a todos nas relações entre as nações. A histórica visita de N. S. Kruschiov aos Estados Unidos revelou amplamente a todo o mundo a superioridade do socialismo sobre o capitalismo, a grande força de atração dos Partidos Comunistas e o crescente poder do campo socialista. Popularidade ainda maior conquistou a política leninista de coexistência pacífica, política da paz e do socialismo.

A causa do comunismo continua a conquistar novas e novas vitórias.

P. C. do Marrocos: Frente Única Para Instaurar a Democracia

O Partido Comunista Marroquino propõe, em declaração que acaba de ser dada a publicidade, a formação de uma frente única antiimperialista, que reúna todas as forças da nação, sem exceção dos senhores feudais, a fim de alcançarem os seguintes objetivos fundamentais:

- A instalação de uma democracia econômica e social, o que exige que se ponha fim ao domínio exercido pelos monopólios financeiros estrangeiros sobre a economia nacional.
- A instituição de uma democracia política, sob a forma de monarquia constitucional, conforme as declarações solenes da Sua Majestade o rei.
- Essa frente poderia servir de base para a formação de um governo de unidade, do qual o Partido Comunista Marroquino se declara pronto a participar.
- A declaração do Partido Comunista Marroquino afirma principalmente:
- "Através de medidas econômicas apropriadas, de reformas profundas de estrutura e, em particular, de uma reforma agrária que libere a exploração das terras roubadas pelos col-

tivados e pelos senhores feudais; através de uma política de independência em relação às potências imperialistas; da ajuda técnica e econômica prestada pelos países socialistas; por uma disciplina nacional capaz de mobilizar, pelo entusiasmo, as massas populares, certas de que o fruto de seu trabalho não lhes escapará, — e perfeitamente possível que um governo de frente única

livre rapidamente o país da estagnação subdesenvolvimento e de miséria em que se encontra.

"Um governo da frente única poderá concretizar, sob a égide de S. M. Mohamed V, a monarquia constitucional, pela eleição, por meio de sufrágio universal, de uma Assembleia Constituinte e a seguir legislativa, de onde sairá o poder executivo."

Suplemento Especial!
de NOVOS RUMOS
Sobre Inflação e Carestia

«NOVOS MUNDOS», publicará, brevemente, em suplemento especial, o resultado das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos de Economia Marxista, especialmente constituído, por iniciativa de nosso jornal, para tratar do problema da inflação e da carestia. «A INFLAÇÃO NO BRASIL: SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E MEIOS DE COMBATE-LA» será o título dessa contribuição dos marxistas para o debate desses problemas de magna importância, atualmente, para todo o povo brasileiro.

Aguardem portanto, em nossa próxima edição, esta importante publicação de «NOVOS RUMOS».

Uma Política Contra o Povo: Atentados Aos Direitos Sindicais

Os vários atentados ultimamente cometidos pelo Governo contra o movimento sindical ilegal, pela sua insistência e pela brutalidade de que se revestem, que estamos diante de uma ofensiva organizada contra os direitos sindicais dos trabalhadores. Volta-se essa ofensiva particularmente contra o direito de greve: aplicando o decreto 9 070, sobre cuja inconstitucionalidade não existe mais a menor dúvida, o Governo procura impor a idéia de que as greves são ilegais e age, de fato, como se os trabalhadores estivessem violando a legalidade. O próprio Presidente da República se colocou, pessoalmente, a serviço dessa ofensiva contra os direitos sindicais, chegando ao ponto de insultar os dirigentes do movimento operário ao taxá-los de simples "desordeiros."

A CLASSE OPERÁRIA, UMA FORÇA ATUANTE

É necessário considerar em que circunstância se verificam esses constantes atentados às liberdades democráticas. Isto pode contribuir para esclarecer o sentido e os objetivos dessa ofensiva contra os trabalhadores.

Antes de tudo, deve-se ter em conta o que significa, na vida de cada dia dos trabalhadores, esta constatação das estatísticas oficiais: a desvalorização da moeda chegou a 50% em 1959. Muitos trabalhadores, porém, continuam a receber os mesmos salários que recebiam no começo do ano. É as corporações que se lançaram à luta e conquistaram aumentos não conseguiram, apesar disso, colocar os seus salários no nível em que se acham os preços. Isto comprova que é cada dia mais esmagador o peso da exploração atirado contra os que vivem de salário. Se os trabalhadores aceitassem passivamente esse agravamento de suas condições de vida estariam cavando a própria sepultura. As condições objetivas, portanto, impõem os trabalhadores à luta por melhores salários — luta na qual se vêem obrigados a recorrer a um direito que eles

próprios conquistaram: a greve.

Por outro lado, essa investida contra o movimento sindical é desencadeada num instante em que os trabalhadores brasileiros avançam, de maneira sem precedentes, no sentido da unidade de suas lutas e de suas organizações. A recente Conferência Sindical Nacional foi, em relação a isto, uma demonstração verdadeiramente impressionante. Pela primeira vez na história do movimento sindical de nosso país, organizações de todos os setores e de todos os graus uniram-se em torno dos mesmos objetivos de luta e de uma política comum — não só em função do próprio movimento sindical, mas dos interesses gerais da nação. Os trabalhadores, tendo à sua frente as corporações mais avançadas e combativas da classe operária, afirmam-se assim como uma força cada vez mais atuante e poderosa, decidida a influir seriamente na orientação adotada pelos homens do Governo. É evidente que a classe operária, por ser mais interessada do que qualquer outra classe na ampliação da democracia e na conquista definitiva da independência nacional, utiliza a sua influência e a sua força no sentido de que seja adotada em nosso país uma política firmemente democrática e nacionalista. Dêsse modo, enquanto ao movimento democrático e nacionalista interessa vitalmente o crescente fortalecimento da classe operária e a consolidação de sua unidade, aos entreguistas e reacionários o que convém é que os trabalhadores se enfraqueçam e as suas fileiras se desagreguem pela divisão. A violência contra o movimento sindical e as tentativas de apresentar como "ilegais" as lutas dos trabalhadores servem aos objetivos dos entreguistas e reacionários.

UMA POLÍTICA CONTRA O POVO

A desfaçatez com que se desenterra o decreto 9.070 e a brutalidade com que têm sido atingidos pelo Governo vários setores da classe operária e organizações

dos trabalhadores — uma constante que se estende já por muitos meses — mostram que se trata realmente da tentativa de impor à classe operária e ao povo uma política que contraria frontalmente os seus interesses, assim como os interesses da nação em conjunto.

É a política que tem sido insistentemente defendida pelos grupos entreguistas e mais reacionários do Governo, cujo representante mais agressivo no atual Ministério é o sr. Armando Falcão.

Particularmente em relação aos trabalhadores e ao movimento sindical, os principais objetivos dessa política são:

1.) obrigar as mas-

chegue a um ponto de todo insuperável. "Ilegal" é a greve, mas não é ilegal a carne vendida a 140 cruzeiros porque assim querem os frigoríficos estrangeiros.

2.) criar dificuldades ao fortalecimento do movimento sindical, impedir que avance e se consolide a unidade de ação e de organização dos trabalhadores, para que assim a classe operária deixe de influir, ou influir em proporções pouco expressivas, na orientação política do país. A tática de apresentar os dirigentes sindicais e os trabalhadores em geral como simples "desordeiros" — quando eles são, na verdade, representantes de uma classe interessada

A LUTA É DE TODOS

Os recentes e constantes atentados aos direitos sindicais encerram, portanto, uma advertência a todos os trabalhadores, quaisquer que sejam as suas tendências políticas. Diante dessa investida antidemocrática seria funesta uma atitude de capitulação. A atitude dos trabalhadores, especialmente das organizações que os representam, não pode ser senão a de denunciar essas violências, lutar contra os seus mentores — exigindo que sejam afastados do Governo — e reforçar cada vez mais a unidade do movimento operário e sindical, levando-o a atuar com uma energia sempre maior



A polícia, como há muito tempo não o fazia, volta agora às ruas com a missão de reprimir violentamente as justas manifestações dos trabalhadores e do povo. O governo, violando as normas democráticas, recorre às arbitrariedades para impedir o protesto popular.

se a suportar todo o peso das dificuldades em que se encontra o país, ao mesmo tempo em que os grandes monopólios imperialistas, sobretudo norte-americanos, e certos grupos da burguesia brasileira auferem lucros dia a dia maiores. A arma a que podem recorrer os trabalhadores para fazer face ao aumento de sua exploração é a greve. Se o Governo considera "ilegal" a greve e se julga no direito de esmagá-la pela violência policial, está tentando roubar às massas o instrumento através do qual os trabalhadores podem obter certas melhorias de salários, periodicamente, evitando que a carestia da vida

como nenhuma outra na preservação da legalidade constitucional e em soluções positivas para os problemas do país — visa inclusive isolar a classe operária das demais camadas da população e criar, em certos setores, a desconfiança e o menosprezo diante dos pronunciamentos e sugestões partidos do movimento sindical.

Eis em que consiste o que se poderia chamar a "filosofia" dessa política: O desenvolvimento deve ser feito unicamente às custas dos trabalhadores; a classe operária é apenas uma massa que produz, não se admitindo que ela influia na orientação política do país.

na vida política no país. A experiência, nesse terreno, é vasta e muito convincente: as restrições aos direitos dos trabalhadores são acompanhadas, invariavelmente, do pioramento de suas condições de vida. A negação das liberdades democráticas e sindicais e o aumento da miséria das massas andam sempre lado a lado.

Mas essa advertência não diz respeito exclusivamente aos trabalhadores. Toda a luta nacionalista e democrática do povo brasileiro tem as perspectivas de seu desenvolvimento inseparavelmente ligadas ao movimento operário e sindical. Pela própria situação que ocupa no

Teoria e prática

Reformas e Luta de Classes

"Que relação exista — na situação concreta da Itália de hoje — entre esta luta pela defesa e o desenvolvimento de um regime democrático, esta luta por uma renovação democrática da estrutura da sociedade italiana, com a luta geral que sustentamos pelo socialismo? Quando afirmamos que a realização de profundas reformas de estrutura pode, em nosso país, abrir o caminho para avançar no sentido do socialismo, não pensamos que cada uma dessas reformas de estrutura seja por si só uma parte de socialismo, nem tampouco que a soma dessas reformas leve, por si mesma, a um regime socialista. Nosso Partido rechaçou e rechaça esta concepção reformista e social-democrata. O marxismo-leninismo indica com clareza que a condição fundamental para a construção de uma sociedade socialista é a conquista do Poder político pela classe operária que, sob a direção de seu Partido revolucionário, destrói a velha máquina estatal, edifica o novo Estado, socializa os principais meios de produção e, desse modo, cria em torno de si a unidade das grandes massas de explorados, estabelecendo novas formas de democracia direta.

Entretanto, a tarefa da vanguarda operária italiana consiste em compreender e indicar — à luz do marxismo-leninismo — que através de lutas e objetivos transitoriais é possível realizar em nosso país esta condição fundamental, isto é, chegar à conquista do Poder político para a classe operária e implantar a ditadura proletária. A realização de determinadas reformas de estrutura, a integral aplicação da Constituição republicana e a construção de um regime de democracia progressista é o caminho que pode permitir em nosso país isolar os grandes grupos monopolistas, retirar-lhes o Poder, agrupar sob a direção da classe operária a maioria do povo e as grandes massas interessadas em suprimir os monopólios e, portanto, determinar uma nova

correlação de forças que permita à classe operária conquistar a direção do Estado e proceder à edificação da sociedade socialista.

Não se trata de um caminho idílico e conciliador, menos ainda de uma soma de batalhas eleitorais. Ao contrário, trata-se de um caminho que requer um assenso amplíssimo da luta de classes, um alto grau de desenvolvimento do movimento organizado dos trabalhadores, um complexo organismo de ações de massas, orientadas no sentido de isolar e bater o inimigo principal da classe operária, a assegurar à classe operária a influência e as alianças necessárias para a conquista do Poder político. É um caminho que requer a existência de um Partido revolucionário de massas, marxista-leninista, ideológica e politicamente unido, capaz de desenvolver uma atividade incessante e de estabelecer vínculos com os mais amplos setores da população.

Por isso sempre consideramos errôneo e unilateral definir o caminho de avanço para o socialismo na Itália como "caminho parlamentar". A luz dos ensinamentos do XX Congresso do PCUS, nosso Partido assinalou que hoje, na nova situação criada pelas vitórias do mundo socialista e as derrotas do imperialismo, existe a possibilidade de utilizar o Parlamento não só como tribuna, mas como arena para uma ação positiva, no sentido de conseguir determinadas conquistas a favor do povo. Mas isto tem como condição — e Togliatti tem insistentemente lembrado — a existência, no país, de um forte movimento organizado dos trabalhadores, de uma ampla unidade das massas populares, de uma vanguarda revolucionária capaz de dar uma orientação política justa a todo o movimento".

(Do artigo "A defesa das conquistas democráticas, condição para avançar rumo ao socialismo", de Pietro Ingrao, membro do CC do Partido Comunista Italiano).

conjunto da sociedade, é a classe operária que está destinada a dar firmeza e consistência ao movimento nacionalista, a dirigi-lo e levá-lo à vitória. A luta nacionalista interessa ao fortalecimento e a coesão do movimento operário e sindical, e não o seu debilitamento.

Uma política que tenha por objetivo servir de fato aos interesses nacionais, fazendo face à espoliação dos trustes imperialistas, não pode

prescindir do apoio ativo e organizado da classe operária. Não é casual, nesse sentido, que quase ao mesmo tempo Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros tenham taxado de "desordeiros" os dirigentes sindicais.

Os atentados cometidos pelo Governo contra os direitos sindicais servem apenas à reação e aos trustes imperialistas. Por isso mesmo a reação contra eles deve ser de todos os nacionalistas e democratas.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(XLVI)

Avança o oportunismo na Alemanha

A passagem do Partido Socialista Operário Alemão à legalidade, em 1890, representava uma vitória de extraordinária importância para o movimento operário alemão e internacional. Mas, justamente por ser assim, colocava em termos novos, muito mais agudos, a contradição principal que se vinha desenvolvendo dentro do Partido — a contradição entre a tendência revolucionária e a tendência oportunista de direita. Qual das duas lograria utilizar em proveito próprio os grandes êxitos acumulados durante a vigência da "lei de exceção" e que agora se coroavam com a reconquista da legalidade?

Nos anos anteriores a fração parlamentar do Partido, legal por natureza, tornara-se a autoridade superior deste. Apesar de a fração o peso dos oportunistas ter sido sempre muito grande, a verdade é que a direção real do Partido ficara todo o tempo nas mãos de Bebel, apoiado na massa

partidária e no órgão central legal de imprensa, o "O Socialdemocrata", que se publicava no estrangeiro (primeiro em Zurique, na Suíça, depois em Londres), e seguia em geral as indicações de Engels. Este considerava que, nas condições da legalidade e dao o caráter essencialmente legal da atividade socialdemocrática, "a ditadura da fração socialista legal"... "era necessária e foi admiravelmente conduzida".

A luta interna entre as duas tendências, tantos anos levada em surdina, iria agora precipitar-se — para logo depois tornarse pública — com a realização do Congresso de Halle, de outubro de 1890, o primeiro em seguida à volta à legalidade. Por proposta de W. Liebknecht, com efeito, foi ali decidido que se elaboraria um novo projeto de programa partidário, a ser submetido ao Congresso seguinte. Mas como argumentava a respeito o incorrigível consiliador Liebknecht? Eligiava uma

vez mais o falso e confuso programa oportunista de Gotha — "bandeira de luta", "estrela condutora", etc, etc. Ele deveria ser modificado apenas porque "em alguns pontos não corresponde à época atual"... E entrando por aí lá se foi manhosamente utilizando, a seu bel prazer, as objeções de Marx e Engels ao "programa repugnante", ora tergiversando, ora negando, ora adardando, e sem ter sequer o escrúpulo elementar de mencioná-los.

Era a tática macia da conciliação, tentando confundir e envolver perigosamente a ala revolucionária do Partido, Engels, sempre vigilante, logo o compreendeu e não vacilou: uma vez que o Partido abria a discussão, em torno da questão programática, deu a público, em janeiro de 1891, a "Crítica do Programa de

Gotha", de Marx: "...Creio que cometeria um despojamento se conservasse oculto por mais tempo ante a opinião pública este importante documento, — talvez o mais importante — para esta discussão".

Em carta então escrita a Carlos Kautsky, Engels disse: "Era meu dever ajustar as contas entre Lassalle e Marx". E acrescentava, significativamente: "A publicação do severo julgamento de Marx sobre Lassalle produzirá por si mesma o efeito desejado e alentará a outros".

E produziu mesmo. A cartinha enganosa, que se pretendia manter na superfície, foi rompida. O "Vorwaerts" ("Avante"), órgão central da social-democracia, viu-se obrigado a lançar um editorial com a opinião oficial da direção oportunista do Partido. Engels era ali atacado

por ter dado a público a "Crítica", a opinião de Marx sobre Lassalle era frontalmente condenada, Marx e Engels acusados de ter sido "contra a unificação". Os acontecimentos, afirmava o editorial, tinham mostrado que Marx errara...

Liebknecht, diretamente posto em cheque, chegou a pensar em vir a público também com um artigo de "esclarecimento histórico", mas acabou achando melhor desistir disso. Deve ter sabido, por Kautsky, que Engels estava só esperando a publicação prometida para responder-lhe...

Kautsky, sensibilizado com os contundentes efeitos da "Crítica" nas altas esferas dirigentes do partido, não pôde furtar-se, igualmente, a pôr a descoberto a sua velha oportunista-conciliadora. Foi enfático elogio dos méritos de Lassalle e en-

mon, com todas as letras: "O ponto de vista de Marx sobre Lassalle não é o ponto de vista da social-democracia alemã". Ao mesmo tempo dizia que tanto Marx como Lassalle figuravam entre "os nossos primeiros mestres e combatentes"...

Engels enfrentou a borrasca com a firmeza e serenidade de sempre. Tinha em mira o fim superior de educar o Partido, a classe operária, e confiava, sem qualquer vacilação, no que ele próprio chamava a "força interna" do Partido. "Sabia", — dizia em carta a Kautsky — que o partido possui vigor suficiente para resistir a tal prova e julguei que... com legítimo orgulho ele poderia marcar em seu favor esta prova de força e exclamar: que outro partido se teria atrevido a proceder da mesma maneira?"

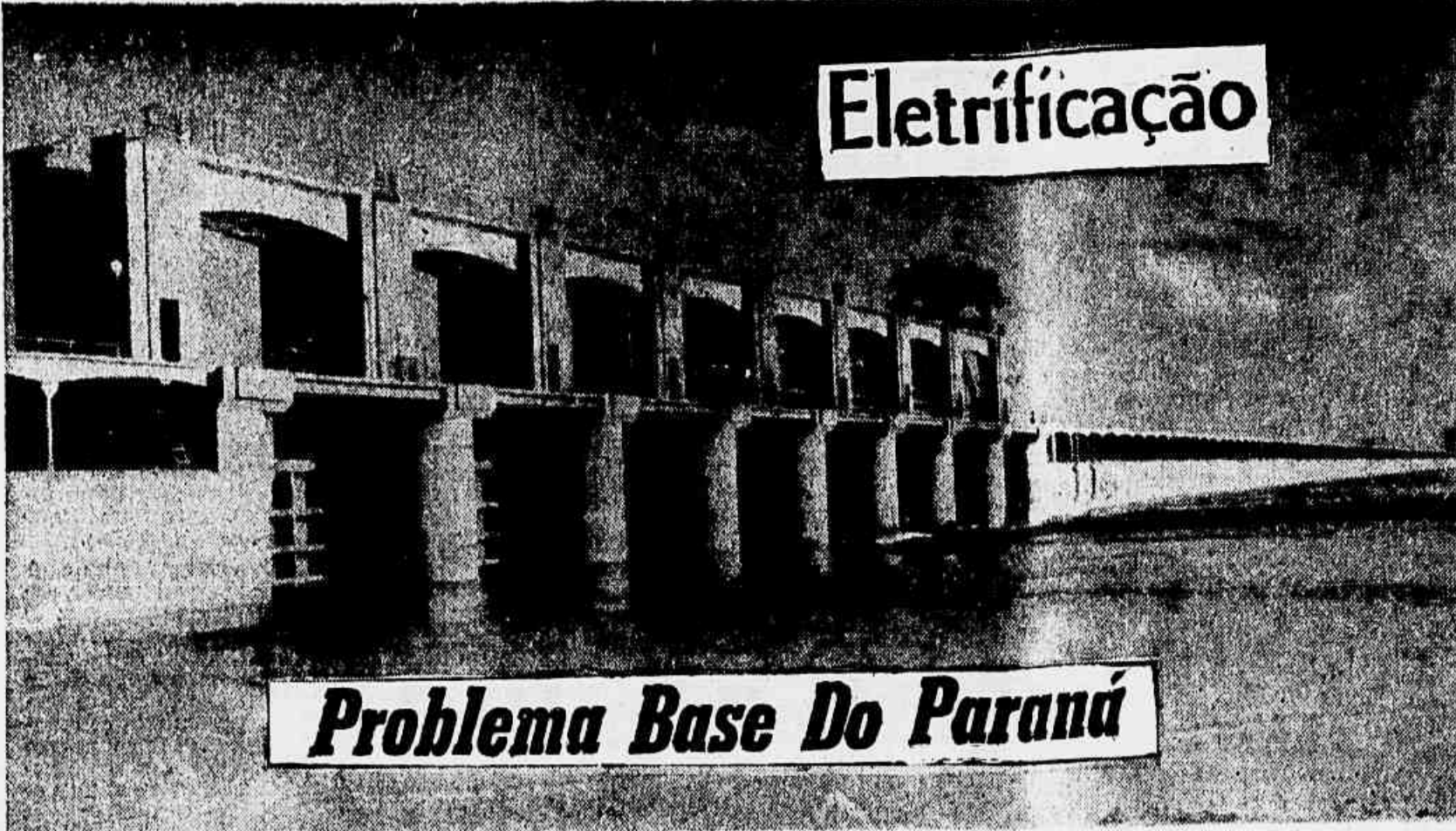
Alguns meses depois realizava-se o Congresso que aprovou o novo programa do Partido, o Programa de Erfurt (nome da cidade

alemã em que se realizou o Congresso). Era um programa acentuadamente melhor que o de Gotha. Mas, apesar de todos os esforços e exigências de Engels e de seus discípulos, nada se dizia ali sobre a reivindicação política imediata fundamental da república democrática nem sobre a ditadura do proletariado, isto é, sobre a questão básica do Estado proletário, instrumento revolucionário indispensável da classe operária para o trânsito do capitalismo ao socialismo e ao comunismo. Ora, não era outro senão este o problema central magistralmente estudado e esclarecido por Marx na "Crítica ao Programa de Gotha".

Essa grave omissão, nas novas condições de legalidade e quando as opiniões mais recentes de Marx e Engels tinham-se tornado amplamente conhecidas, significava que, na luta interna em processo de agravamento, era o oportunismo de direita quem ia levando a

Eletrificação

Problema Base Do Paraná



Em sua conferência aos oficiais da 5ª Região Militar, em 29 de maio de 1956, o ilustre engenheiro Leão Schulmann — um dos Diretores da COPEL — afirmou: — «O conceito «Brasil é um país essencialmente agrícola» está superado. De fato, o progresso de uma Nação, no conceito moderno, não depende de uma política tendente a acentuar um ramo agrícola ou um ramo industrial; depende, sim, de um estímulo ao binômio Agricultura e Indústria. No Paraná, cabe, nesta fase de seu desenvolvimento econômico, restabelecer as condições de equilíbrio do binômio mencionado, cuidando de criar clima adequado ao nascimento de um parque industrial. Acontece que uma das condições fundamentais para o desenvolvimento de um programa de industrialização é justamente a produção e distribuição de energia elétrica, abundante e barata».

REFORMA AGRÁRIA E ELETRIFICAÇÃO

Sabemos que nossa agricultura não se vem desenvolvendo a contento devido ao latifúndio e à monocultura do café. A reforma agrária será um ponto de partida decisivo para um impulso inédito na produção agrícola. Sabemos, também, que nossa indústria está sendo freada pela falta de energia elétrica.

RECONHECIMENTO DE UMA VERDADE

É nosso plano de governo elevar a atual potência instalada no Estado, da ordem de 100.000 kW para 300.000 kW até 1960 — afirmou o governador do Estado, sr. Moisés Lupion, em sua Mensagem ao Povo paranaense ao comemorar o segundo ano de seu governo. Todos, ou quase todos, reconhecem essa necessidade. Infelizmente, fica só na conversa, só no reconhecimento da necessidade. Planos extraordinários são feitos pelo Governo, mas são planos... só planos.

AUMENTA O DOMÍNIO DO TRUSTE

Enquanto isso, a Bond and Share — representação em nosso Estado pela Cia. Força e Luz do Paraná — vem, cada vez mais, introduzindo suas garras em nossa terra. Siga o povo de Curitiba, de Piracurá, de São José dos Pinhais e de alguns outros pequenos municípios. Pouco a pouco vem abocanhando novos municípios. O povo de Curitiba, tendo a frente o Deputado Waldemar Da-

ros, tem lutado muito contra a exploração desse povo imperialista. Ao lado da luta para que nossas leis sejam respeitadas pelo truste, é necessário intensificar a luta contra sua expansão até sua liquidação final.

MISSÃO DA COPEL

A execução de apenas parte dos planos elaborados pela COPEL seria um golpe mortal no truste de energia elétrica no Paraná. Existem, como sabemos,

engenheiros honestos e capazes na COPEL. Infelizmente, sua direção está nas mãos de um político e não de um técnico. Antes era o sr. José Lupion e agora o sr. Benjamin Mourão. Tanto um como outro deram fama à COPEL pelos negócios excusos que realizaram. Começa a ser compreendida pelos nacionalistas do Paraná a necessidade de moralizar essa empresa, colocando em sua Direção um técnico, em lugar de um político.

CAPIVARI-COCHOEIRA

O que pontifica em tôdas as falas de homem do governo é a construção da usina Capivari-Cchoeira. Com seus 140.000 KW poderia atender, de sobra, a Capital e o litoral paranaense. Estudos já existem sobre o aproveitamento desses rios; do DAEE; da International Engineering Co. (americana); da Edison de Milão (italiana); da Hidrobrasileira e Sogreha (francesa). Infelizmente passam-se os anos e a construção da usina não é iniciada. É uma obra, relativamente barata, e que em cinco anos poderia ficar concluída.

ENERGIA ELÉTRICA PARA PARANAGUÁ

Falando sobre a usina de Marumbi, afirmou o engenheiro Leão Schulmann, em sua conferência acima citada: — «Esse empreendimento, projetado e iniciado pela Rede Viação Paraná-Santa Catarina, visa o abastecimento de energia elétrica para a eletrifi-

cação dos ramos da estrada ferroviária. Para esse fim, a R.V.P.S.C. importou 4 turbinogeneradores de 3.300 KW cada um, a serem instalados no Marumbi, utilizando-se da queda conhecida como «Vêtu da Noiva». A estrada, de início, vai necessitar de apenas 1 milhão de KW por mês ou sejam 12 milhões por ano. A usina tem possibilidade de produzir de cinquenta a oitenta milhões de KW por ano podendo por isso servir de grande reforço para um desafio imediato na região do litoral e, também, fornecer a energia de que a COPEL vai necessitar durante o período das obras das barragens e túneis da Diversão do Capivari-Cchoeira».

Sabemos que o litoral e particularmente Paranaguá vivem constantemente às escuras. Seria justo que, atendendo às aspirações do povo do litoral, as sugestões levantadas pelo engenheiro Schulmann fossem concretizadas e o litoral provisoriamente atendido pela usina de Marumbi. Para a eletrificação do Sul do Paraná consta, também, dos planos da COPEL o aproveitamento do Salto Fúmil, no Rio Iguaçu, sobre o qual falaremos em próxima reportagem.

TERMOLÉTRICA DE FIGUEIRA

A eletrificação do norte do Paraná também está prevista nos planos da COPEL. Já está em andamento a construção da usina termolétrica de Figueira para 20.000 KW. Será aproveitado o carvão da Região da Bacia do Rio do Peixe, onde existe uma reserva medida de 330 milhões de toneladas. Essa obra deverá ser concluída no próximo ano, segundo afirmou o engenheiro Schulmann, atual presidente da UTELEPA — sociedade de economia mista integrada da COPEL e pelo Governo Federal.

A concretização desse empreendimento poderá tirar da estaca zero a atual situação industrial do norte velho, onde não existe nem iluminação nas ruas.

Para confirmar essa verdade basta visitar Vençozinho Brás e todo o ramal da estrada de ferro até Litzmarco da Costa, Ponta Grossa e Monte Alegre serão beneficiados com a energia dessa termolétrica. Muito lucrará o norte do Estado com a conclusão da usina de Campo Mourão de 8.000 KW.

ACÓRDO COM A USELPA

A base, porém, da eletrificação do norte do Paraná está na concretização do acordo assinado a 20 de abril de 1956 entre os governadores Moisés Lupion e Jânio Quadros, através do qual 40% da energia produzida pelo aproveitamento dos potenciais hidráulicos do Rio Paranapanema (Salto Grande, Jurupirim e Itararé), feita pela USELPA, será destinada ao Paraná.

INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESTADO

Citamos apenas alguns dados das possibilidades de eletrificação do Paraná. O andamento da quase totalidade dessas obras, tôdas de grande necessidade, depende da COPEL. A concretização dessas usinas fará com que o nosso Estado se eleve no conceito da Nação não pelos massacres dos posseiros de Porcari e Sudoeste; não por sermos o Estado nº 1 na monocultura, mas sim por nossa industrialização progressiva.

Como foi possível arranjar — mesmo contra a vontade do governador do Estado — o Engenheiro Luis Orlando do DAEE e iniciar a moralização daquela repartição, é possível, também, fazer o mesmo em relação à COPEL.

Ao mesmo tempo em que o movimento nacionalista mantém sua corajosa posição defensiva contra os assaltos da Cia. Força e Luz do Paraná, deve passar à ofensiva, exigindo modificações progressivas na Direção da COPEL e a execução das obras programadas. A eletrificação e a reforma agrária são dois lados da mesma moeda e que, solucionados, muito ajudarão no progresso do Paraná e no bem-estar do povo.

SUMOC DENUNCIA À SUA MANEIRA TRUSTES IANQUES

A atual alta das cotações do dólar no "mercado livre", está trazendo severos prejuízos para o país, mas já teve, pelo menos, um mérito: deu oportunidade à SUMOC para denunciar, como conspiradores contra a economia e contra a segurança do país, as grandes empresas norte-americanas, que dominam o comércio exterior brasileiro. A denúncia, é claro, não veio na forma de discurso, ou qualquer outra forma de condenação literal. Veio na forma de uma instrução daquele órgão, a de nº 190, com a qual a SUMOC interveio no "mercado livre" para conter a alta de preço da moeda norte-americana.

Na maneira de intervir esta a denúncia. Determina a instrução que os bancos autorizados a vender divisas no mercado livre, quando as vendas se destinarem a pagamento de fretes de importações, ficam obrigados a exigir pagamento antecipado de 80% do valor das divisas vendidas, e recolher diariamente ao Banco do Brasil essa arrecadação. Essas vendas se fazem geralmente sob contrato, com prazo determinado. Antes da instrução 190 os compradores ficavam com os contratos e os cruzeiros correspondentes à sua disposição, com os quais podiam especular no mercado de divisas. Imobilizando esta considerável soma de valores, a instrução da SUMOC reduz, senão elimina essa área de manobras em torno do preço da moeda ianque.

Ao escolher esta forma de intervenção no "mercado livre", que em poucos dias já provou a sua eficácia, resultando numa queda sensível das cotações do dólar, a SUMOC reconheceu, tacita mas inequivocamente, duas coisas. Primeiro, que a subita alta do dólar, que chegou à cotação recorde de 220 cruzeiros, se devia em grande parte à especulação das empresas e grupos que compram divisas para pagamento de fretes, ou seja, os que são intermediários das importações e exportações do país. Segundo, que o comércio exterior brasileiro está sujeito a um oligopólio, pois de outra forma não seria possível aos grupos que trabalham neste comércio organizar uma especulação tão bem sucedida, com base no pagamento de fretes, que representa uma parcela relativamente pequena no conjunto das operações no câmbio livre. Este oligopólio que domina secularmente o nosso comércio exterior tem sido constantemente apontado pelos comunistas e nacionalistas como uma das causas básicas das dificuldades econômicas do país; atualmente, ele é composto por algumas grandes firmas norte-americanas, tais como Anderson Clayton, Lion Israel, Swift, etc.

Não se pode, portanto, deixar de aplaudir a Instrução 190 da SUMOC. Mas, ao mesmo tempo, não se pode deixar de reconhecer nesta instrução uma nova mostra das contradições, cada vez mais intrincadas e aguçadas, em que se põe o governo do Sr. Kubitschek.

Foi a própria SUMOC que, por uma outra instrução, de nº 181, lançou meses atrás no mercado livre as operações para pagamento de fretes e seguros, que antes eram feitas no mercado oficial. Esta instrução veio a título de contrapartida de outra, de nº 180, que jogou no mesmo mercado dito livre a receita com as exportações de minérios, algodão, e outros produtos, a pretexto de estimular estas exportações, pois as cotações das moedas estrangeiras no mercado livre têm sido sempre superiores às do mercado oficial. Esse estímulo, entretanto, poderia ser feito dentro do mercado oficial, uma vez que é a própria SUMOC o órgão encarregado de fixar a taxa de conversão para a divisa obtida com cada produto de exportação, e nada impede que ela o faça quando isso interessa, em nível mesmo superior ao mais alto registrado no mercado livre.

Na realidade, a alegação de estímulo às exportações não foi senão um pretexto esfarrapado. O que a SUMOC fazia e recomeça a fazer, agora, com a instrução 192, é ceder à pressão do Fundo Monetário Internacional, que tem objetivos bem diversos. Ao Fundo, porta-voz dos interesses monopolistas ianques, interessava sobretudo modificar a tendência, inaugurada em 1953, com a lei nº 1.807, de isolar-se no mercado livre as entradas e saídas de capitais e rendas de particulares estrangeiros, quando os próprios remetentes de lucros passavam a pagar — através da alta nas cotações da moeda ianque — pela menor entrada de capitais. O Fundo, por isso, exigia que outras operações de compra e venda de divisas fossem transferidas para o mercado livre, com o que, a um só tempo, se reforçaria a solidariedade interna para com os remetentes de lucros, em relação ao preço da moeda ianque, e se permitiria uma margem maior de manobras de especulação para os grupos que controlam o comércio exterior. Foi o que fez a SUMOC, através de sucessivas instruções — chamadas "reformas cambiais" — que culminaram com as instruções 180 e 181, e agora com a instrução 192.

Ferrovários Da Leopoldina: Vitória

Após uma luta que teve o seu ponto alto na grande greve de 24 horas, iniciada a zero hora do dia 22 de dezembro, os ferroviários da Leopoldina acabaram tornando-se vitoriosos na luta por suas reivindicações, aprovando a assinatura de um acordo pelo qual fica-lhes assegurado: 1) imediato pagamento do adicional de trabalho noturno; 2) admissão, a partir do mês corrente, de todos os praticantes de estação já aprovados; 3) implantação do plano de reclassificação a partir de primeiro de janeiro — caso o plano não possa ser executado até 31 de março, será concedido um aumento em abril, mas com efeito retroativo a janeiro, nas seguintes bases: Cr\$ 2.500,00 de aumento para os salários até Cr\$ 10.000,00; Cr\$ 2.000,00 para os salários até Cr\$ 14.500,00; e Cr\$ 1.500,00 para os que ganham acima de 14.500,00 cruzeiros. O acordo foi aprovado na grande assembléia realizada na noite do dia 5, nesta Capital, ficando estabelecido também o pagamento do dia da greve de advertência, sem nenhuma punição dos seus participantes. A assembléia dos ferroviários contou com a presença de representantes de quase todos os sindicatos cariocas, do padre Carvalho e dos deputados Lício Hauer e José Talarico, que lhes foram levar solidariedade. O Presidente da UNE, acadêmico João Manoel

Conrado, colocou a sede da sua entidade à disposição dos ferroviários da Leopoldina, cujo sindicato estava ameaçado de intervenção.

Sindicatos da URSS saúdam marceneiros do Rio de Janeiro

A Federação dos Trabalhadores da Indústria Florestal, Papel e Madeira da URSS enviou ao Sindicato dos Marceneiros desta Capital a seguinte mensagem de fim-de-ano:

«Nós vos enviamos nossas felicitações e melhores votos pelo ano de 1960.

Que o ano vindouro seja um ano de desenvolvimento ulterior dos laços de amizade entre nossos sindicatos em nome da unidade Internacional dos trabalhadores, da paz duradoura no mundo inteiro.

Pelo Presidium — I. NOVIKOV — Presidente do Comitê Central do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Florestal, do Papel e da Madeira».

RENOVAM-SE OS ATOS DE VIOLÊNCIA

SANTA FÉ DO SUL: POLÍCIA PRENDE E ESPANCA DEZENAS DE LAVRADORES

SAO PAULO, 4 de janeiro (Da Sucursal) — Santa Fé do Sul, palco de recentes arbitrariedades cometidas pela polícia contra lavradores (893 famílias) injustamente expulsos das terras que cultivavam pelo fazendeiro João Diniz, vive novamente sob clima de tensão em virtude da renovação dos atos de violência policial.

Há menos de um mês, elementos do Departamento Local II encerraram uma posse onde se achavam reunidos cerca de 50 pessoas que assistiam a um ato religioso e sob os ordens do cabo Azenar Piedrosa, espancaram homens e mulheres, algumas delas em adiantado estado de gestação. Sem oferecer a menor justificativa, prenderam 29 pessoas, levando-as num caminhão para a cadeia.

Falando à reportagem da NR, o sr. Arlindo Quosind, tesoureiro da Associação dos Lavradores de Santa Fé do Sul, relatou detalhes do acontecimento, assinalando que os lavradores foram obrigados a desfilarem pelas ruas da cidade cantando: «Eu sou marceneiro e sou feliz».

VIOLÊNCIAS VISAM ENRIQUECER E COAGIR

Os espancamentos e as prisões arbitrárias que habitualmente vêm se registrando, segundo afirmou o diretor da entidade dos lavradores de Santa Fé do Sul, visam principalmente intimidar e coagir os camponeses pobres a

não lutar pelos seus direitos, desanimá-los da luta contra o plantio do capim e diretamente atacar e desmoralizar os diretores da Associação, com o fim único de assustá-la.

Além das irregularidades e arbitrariedades praticadas pelo fazendeiro, que não cumpre integralmente o contrato firmado, e pelos acanhamentos governamentais que não funcionam, como o Posto de Puericultura, os camponeses vivem num clima de terror policial. «Rubineia, Santa Clara, Santa Rita, Esperançal e Fazendas — afir-

Com Lott os secundaristas de Maceió

MACEIÓ (Da correspondente) — Os estudantes secundaristas desta capital acabam de fundar o seu Comitê Pró-Marcha Teixeira Lott, cuja instalação solene será feita no próximo dia 9 no auditório do Colégio Estadual. O presidente do Comitê é o estudante Gilberto Mendes.

Amazonenses organizam-se para defender o petróleo



MANAUS — AM — (Do Correspondente) — Acaba de ser solenemente empossada a nova diretoria do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, agora em fase de reorganização. O ato, que foi dirigido pelo deputado estadual Arlindo Porto (presidente do Centro), contou com a presença de representantes do governador do Estado, do prefeito desta cidade, do desembargador André Vidal de Araújo, deputado federal Almino Álvares Afonso, presidente dos diretórios do PTB, PSD, PST, PSP e UDN; líderes sindicais e estudantes, além de numerosa assistência. O coronel Jocelyn Brasil esteve presente como representante do CEDPEN do Distrito Federal. Na foto, um aspecto da solenidade na sessão em que falava o professor Manoel Otávio.

Mais De Duas Mil Pessoas No Piquenique Em Homenagem a Prestes



Luiz Carlos Prestes, aderindo ao baile e dançando com sua filha Anita, acabou dando um tom diferente ao grande piquenique que os seus amigos promoveram na Ilha de Paquetá, comemorando o seu aniversário natalício.

Mais de duas mil pessoas participaram do grande piquenique realizado na pitoresca Ilha de Paquetá, comemorando o aniversário natalício do ex-senador Luiz Carlos Prestes, que esteve presente, acompa-

nhado de sua filha Anita e de outras pessoas da família. O piquenique que foi uma autêntica festa popular, constituiu uma iniciativa dos seus amigos e admiradores, que organizaram

os festejos de comemoração do aniversário do conhecido líder comunista, que no dia 3 de janeiro completou 62 anos de idade, mais de 40 dos quais dedicados à luta de libertação nacional e de emancipação da classe operária.

PRESTES DANÇOU

A festa começou no próprio navio «Mocanguê», onde foi realizado um animado baile que só teve fim quando a velha embarcação atracou no cais da Ilha de Paquetá. Luiz Carlos Prestes e sua filha Anita, acabaram aderindo ao baile, dançando várias vezes sob o ritmo do samba bem carioca.

Os amigos e admiradores do querido líder popular ofereceram-lhe um grande bolo comemorativo da data. Na oportunidade falou Orestes Timbaúva, em nome dos presentes, saudando o aniversariante.

Prestes, sob calorosos aplausos, agradeceu as manifestações de amizade e de solidariedade, fazendo votos para que os trabalhadores consigam novos êxitos em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho, e pela emancipação do Brasil. Salientando sua confiança

no avanço das lutas pela democratização do país, Prestes declarou que espera que o ano que se inicia seja o ano da conquista da legalidade do Partido Comunista do Brasil.

RAINHA DA FESTA

A srta. Marli Bastos foi eleita rainha do piquenique, num animado pleito. Marli que foi apoiada pelos trabalhadores marítimos e pelos moradores da Zona da Leopoldina, sagrou-se vencedora com 30.888 votos. A candidata vitoriosa foi a portadora dos presentes ofertados a Prestes pelos seus amigos, admiradores e companheiros de luta.



Prestes, cercado de seus parentes e amigos, pouco antes de cortar o bolo de aniversário, que lhe foi oferecido na festa popular realizada na Ilha de Paquetá, no último domingo.

DUAS CRIANÇAS ENTRE AS VITIMAS

Goias: Polícia Invade Fazenda Arrasa Casas e Matá 11 Pessoas

O jornal "Fôlha de São Paulo" em sua edição de 5 do corrente, publica notícia a propósito de violências policiais cometidas contra lavradores em localidade de Goias, causando a morte de 11 pessoas, entre as quais se contam duas crianças. O texto da nota é o seguinte: "Segundo notícias procedentes de Anápolis, na madrugada de 28

último, ocorreu na Fazenda Prisca localizada no município de Planaltina, violento choque entre policiais e posseiros, do qual resultou a morte de 11 pessoas, dentre as quais se contam duas crianças. As mesmas informações dão conta de que, após o choque armado, elementos do destacamento policial que se en-

volveram no conflito atearam fogo em ranchos, casas, engenhos de açúcar e outras benfeitorias existentes na propriedade agrícola. As duas crianças que morreram, uma de 5 anos e outra de 14, teriam sido carbonizadas no interior de uma residência, onde dormiam por ocasião dos incêndios.

Embora sejam escassos pormenores a respeito da ocorrência, informa-se que a fazenda onde ocorreram os distúrbios é de propriedade de Possidônio de tal, que se acha envolvido no caso de Golunésia, e que logrou evadir-se cessado o tiroteio.

Recorda-se ainda que a questão entre posseiros e policiais vem sendo motivo para críticas à administração estadual, tendo sido realizada recentemente assembleia extraordinária da Associação Goiana de Imprensa, a fim de estudar o problema, que "não vem sendo tratado devidamente pelas autoridades".

Aumento para os fumageiros

Cerca de 3 mil trabalhadores na indústria de fumo do Distrito Federal conquistaram um aumento salarial de 20%, que passarão a receber a partir de 1º do corrente. O aumento será calculado sobre os salários atuais, sem compensação dos que foram concedidos no decorrer do ano.

TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS URBANAS (EM CONGRESSO) CONDENAM AMEAÇAS DE JK

O I Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas, que se realizou nesta Capital de 2 a 5 do corrente, aprovou, por unanimidade, uma declaração de princípios declarando, entre outros, a oposição ao intervencionismo governamental no Sindicato dos Oficiais de Náutica; manifestou sua solidariedade aos ferroviários da Leopoldina; e aprovou uma moção repudiando as acusações e as ameaças feitas pelo presidente da República, aos trabalhadores brasileiros, em sua mensagem de fim-de-ano. O I Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias

Urbanas, reunida na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica e Produção de Gás do Rio de Janeiro, contou com a participação de 77 delegados indicados por 19 sindicatos, representando milhares de empregados nos serviços de energia elétrica, produção de gás, e beneficiamento de águas e esgotos de todo o país. Os trabalhos do conclave se desenvolveram em torno do seguinte temário: Previdência Social; Condições de Trabalho; Liberdade e Autonomia Sindicais; Estabilidade e Direito de Greve; e Condições de Vida. Inúmeras teses e moções relacionadas com estes

pontos foram aprovadas pelos congressistas. O sr. Clodismidt Riani, líder dos Trabalhadores em Energia Elétrica de Belo Horizonte, e vice-presidente da CNTI, salientou, sob calorosos aplausos do ple-

Reportagem de ARMANDO FRUCTUOSO

nário, que as massas trabalhadoras, unidas e organizadas dentro dos seus sindicatos, reforçarão as lutas por suas reivindicações e contra as ameaças às liberdades. O vice-presidente da CNTI terminou

o seu discurso afirmando que o caminho da violação às liberdades democráticas anunciado pelo presidente da República, se realmente seguido, será o suicídio político do sr. Juscelino Kubitschek.



Na foto, vista parcial do plenário do I Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas, realizado nesta capital.

Congresso De Associações De Bairro De Nova Iguaçu

Nos próximos dias 5 e 6 de março, as associações populares dos bairros do município de Nova Iguaçu, realizarão um Congresso durante o qual serão debatidos os problemas do local e a coordenação das atividades de todas as entidades visando à ação comum em prol das reivindicações da população. Numerosas organizações, representando as localidades de Morro

Agudo, Andrade de Araujo, Belford Roxo, Mesquita, Miguel Couto, Engenheiro Pereira, Queimados, Japeri, Heliópolis e outras já se reuniram para tratar do assunto, ocasião em que foi eleita a Diretoria Executiva do Congresso. E' a seguinte a comissão diretiva que organizará o conclave: presidente, Telines Basilio do Nascimento; secretário, Elzio Ramalho; tesoureiro, Manoel Aluizio do Nascimento. Foram eleitas tam-

bém, na reunião preparatória, as Comissões de Propaganda, Finanças e de Temários.

Comitê Pró-Lott em Jacarèzinho

Sábado, dia 9, às 20 horas, será instalado um posto eleitoral da Concentração Nacional Henrique Lott no bairro do Jacarèzinho. O posto funcionará na Rua Senhor do Bonfim, n. 50, onde terá lugar a solenidade. A entrada é pela rua Viúva Cláudio, junto à fábrica Grapette.

Resposta aos leitores

J. ALMEIDA GUIMARAES (Cons. Lafayette, Minas) — A sua sugestão, que é também de numerosos outros leitores, NR publicar matérias sobre esportes, está sendo estudada com carinho. Como o leitor deve ter notado, vez por outra esse tema aparece em nossas páginas. Esperamos, porém, tratá-lo com maior profundidade e de forma regular.

ANTONIO DE BRITO LOPES (Curtiba, PR) — Temos recebido suas cartas com notícia dessa cidade. Infelizmente elas chegam às nossas mãos com muito atraso, motivo porque não têm sido aproveitadas. Sua última carta, de 21 de dezembro, sobre as comemorações do aniversário de Prestes, só chegou à redação no dia 5 do corrente. Continue a enviar suas notícias. Mandem-nas, porém, por via aérea.

ODON PORTO (Garanhuns, Pe) — Recebemos e agradecemos suas traduções de artigos da revista dos sindicatos da Tchecoslováquia. Lamentamos não poder publicá-los, por falta de espaço. Pedimos ao amigo que nos envie reportagens sobre problemas dos trabalhadores e moradores dessa cidade.

A. SANTOS REIS (Lorena, PR) — Recebemos seus versos a propósito do aniversário de Prestes. Obrigado.

JOSÉ DOS SANTOS (Santa Maria, RGB) — Como o leitor deve ter observado, foi atendida sua reclamação sobre o anúncio da Rádio do Moscou. Obrigado.

BASILIO DE ARAÚJO SANTOS

No dia primeiro de janeiro, vítima de um derrame cerebral, faleceu nesta cidade o antigo militante comunista Basílio de Araújo Santos. Basílio nasceu a 23 de maio de 1898, no Recife. Como membro da Aliança Nacional Libertadora participou do movimento revolucionário de 1935, como Segundo Sargento da Aviação Naval, de cujos quadros foi expulso em 1936, e recolhido preso à Ilha Grande. Por sua atividade à frente do movimento operário, Basílio foi preso diversas vezes em 1936, 1948 e 1950. Ao morrer, Basílio deixou três filhos e dois netos. A seu sepultamento compareceu grande número de amigos e companheiros.

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXÉDI — o poeta vaqueiro

Doutô Jaime Vanderlei:
Eu vô 'fiscervê d'aquí
Para matá as sodade
Dessa terra de Poti.

As coisa tão deferente
Cá no Rio de Janêro.
O home discunfiô
E nunca mais iscutô
O seu puéta vaquêro.

Quando eu cheguei cá no Rio
Passava a bólo e galinha.
Os rico me contratavam
Pra tôda e quarqué festinha.
Gostavam de vê contá
Os meus amô cum Ritinha.

Falei de todos os mimo
Dessa cabôca quirida.
Além de cumê piru
Inda tumava bibida.
Me dava mais in dinhêro
De cinco a seis mí cruzêro...
Eu num quiria outa vida!

Sutou-me pra fazê graça
Na raide nacioná,
Ganhando coma s'eu fôsse
Diputado federá.

O deretô, de marvado,
Mandô falá todo dia.
A respeito de muê
Dixe tudo qui sabia.

Fui intrando divagá
Nas nossas neicissidade.
Falei na farta d'inverno,
Arrimixi nêsse inferno
Qui se chama caridade.

Um ruzagá quera chefe,
Puxadô desses de fama,
Me uvia, tôda menhá,
Ante de sai da cama.
Me dizia aburricido:
— Eu num gostei do programa!

Baxaro meu ordenado,
Qu'era vinte mí cruzêro,
Pra quato conto pur mês
Sem compaxão do vaquêro.
A dexá eu fui forçado
Pôs baxei de diputado
Para crasse de lixêro.

Arrecebá, seu doutô.
Um abraço potiguá
Dêsse poti tão distante
Qui não s'isquece de lá

SANGUE: PAPAI NOEL DE JK AOS ESTUDANTES



O MOTIVO — O ministro da Educação, alegando a inexistência de verbas para garantir o preço de 2 cruzeiros que os estudantes pagavam por refeição no restaurante do Calabouço, anunciou que o remédio era aumentá-lo para 25 e assim impedir o fechamento. Com o fato, e muito justamente, não concordaram os estudantes. Não era possível pagar um absurdo aumento de mais de 1.000%, quando se sabe que é possível a dotação de numerário para garantir o atual preço das refeições. Para fazer valer o seu protesto, resolveram promover uma passeata, marcada para a tarde do dia 31 de dezembro.

O COMEÇO — A manifestação dos estudantes, da qual participavam algumas centenas de secundaristas, foi iniciada, apesar de, quando solicitada a autorização, a polícia negá-la injustificadamente, às 13.40 horas. Na altura da Avenida Beira-Mar, grande número de soldados da Polícia Militar investiu contra os manifestantes. Coman-

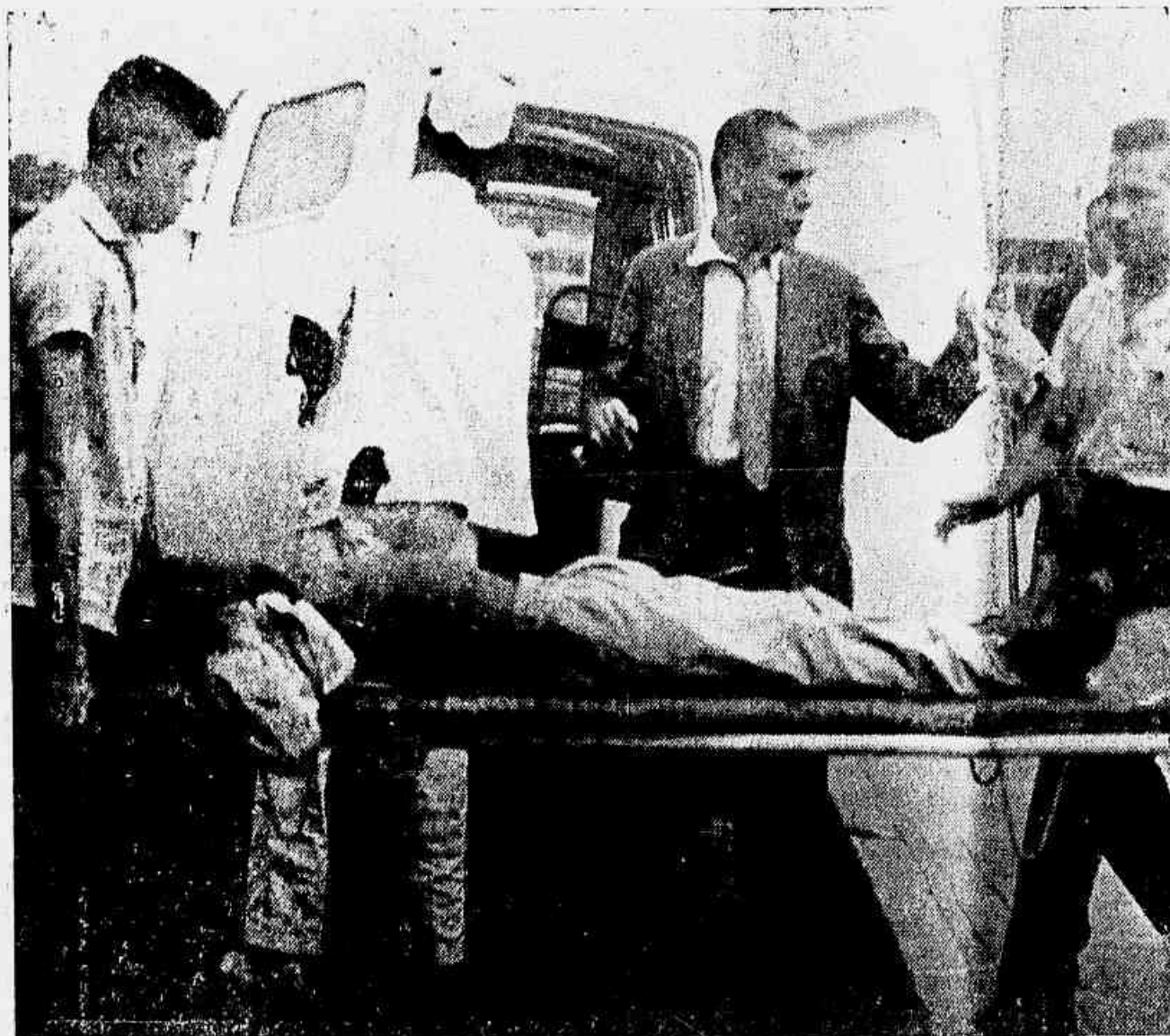
dados por um oficial que se revelou uma verdadeira fera, os milicianos usaram e abusaram da violência, dando motivo à reação dos estudantes. As primeiras escaramuças foram interrompidas com a retirada dos estudantes para o interior do restaurante. Foi então estabelecida uma verdadeira praça forte ao redor do Calabouço, sendo impedida pelo aparato policial a efetivação da passeata.



O CÊRCO — Realizando um cerco total do local, os policiais iniciaram provocações contra os estudantes e em todas as oportunidades faziam uso das cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e, finalmente, por ordem do comandante, de suas metralhadoras. Este, o capitão Mário de Oliveira Santos, deu início aos atos de vandalismo sacando sua pistola e atirando sobre os estudantes. O presidente da República resolveu, dessa forma, enviar o seu Papai Noel aos secundaristas cariocas. O balanço trágico da covarde agressão foi um estudante gravemente ferido (João Batista Lara) e outros (José Rubens Silva, Manoel da Silva Lobato, Wilson Gonçalves e Antônio Avelino) com menos gravidade. Todos atingidos por balaços. Duas moças e dois rapazes também foram vítimas da sanha dos policiais, atingidos por coronhadas de metralhadoras e golpes de cassetete. Das 12 às 18 horas os policiais cercaram o restaurante estudantil, impedindo a entrada e a saída de qualquer pessoa. Nenhuma autoridade, durante esse período, mesmo tendo conhecimento das provocações atingidas pela provocação policial, foi ao local para tentar solucionar a situação.

NOVOS RUMOS

OS VALENTES — Inteiramente soltos, estimulados pelos atos de seu comandante, os soldados realizaram «façanhas» de toda sorte. «Enfrentando» estudantes desarmados, utilizaram em larga escala o cassetete, as bombas de gás lacrimogêneo e, em certa altura, recorreram também às rajadas de metralhadoras para dissolver a manifestação. Os «valentes» fizeram cumprir, dessa forma, as determinações governamentais que mandavam impedir uma passeata pacífica de estudantes, cujo único objetivo era reivindicar o direito de se alimentar decentemente.



EFEITOS — Estudantes feridos, repúdio à atitude do governo, criação de um clima mais acirrado de revolta nos meios universitários contra os últimos atos do sr. Juscelino Kubitschek, foram alguns dos efeitos da desastrosa inter-

venção policial contra os jovens que se utilizam do restaurante do Calabouço para fazer suas refeições. A cidade, na última tarde do ano de 1959, viveu momentos de intensa expectativa, de irritação, acompanhando revoltada a ação contra os estudantes cariocas.

EPÍLOGO — Depois de seis horas, em virtude da intervenção de algumas personalidades, entre elas o reitor da Universidade do Brasil, sr. Pedro Calmon, a polícia abandonou o local. No dia seguinte, o ministro da Educação anunciava que os preços do Calabouço não iriam ser aumentados e nem o restaurante seria fechado. A verba foi encontrada, após a vigorosa manifestação dos secundaristas. Tudo continuará como antes; apenas ficou o sangue dos jovens baleados, a testemunhar as tropelias de um governo que teima cada vez mais em atingir as liberdades democráticas, os direitos dos cidadãos de defenderem as suas reivindicações.